



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**

**ANDRE FABIANO DOS SANTOS**

**SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DE UNIVERSITÁRIOS E BACHARÉIS DA  
ÁREA DE NEGÓCIOS SOBRE FINANÇAS PESSOAIS**

Palhoça

2023

**ANDRE FABIANO DOS SANTOS**

**SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DE UNIVERSITÁRIOS E BACHARÉIS DA  
ÁREA DE NEGÓCIOS SOBRE FINANÇAS PESSOAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Vieira Soares

Palhoça

2023

**ANDRE FABIANO DOS SANTOS**

**SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DE UNIVERSITÁRIOS E BACHARÉIS DA  
ÁREA DE NEGÓCIOS SOBRE FINANÇAS PESSOAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Palhoça, 16 de outubro de 2023.

---

Prof. Dr. Sandro Vieira Soares, Orientador  
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL

---

Prof. Dr. Mauricio Andrade de Lima  
Universidade Alto Vale do Rio do Peixe - UNIARP

---

Profa. Dra. Clarissa Carneiro Mussi  
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL

---

Prof. Dr. Thiago Coelho Soares  
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL

S23 Santos, Andre Fabiano dos, 1980-  
Semelhanças e diferenças de universitários e bacharéis da área de  
negócios sobre finanças pessoais / Andre Fabiano dos Santos. –  
2023.

94 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina,  
Pós-graduação em Administração.

Orientação: Prof. Dr. Sandro Vieira Soares

1. Finanças pessoais. 2. Investimentos. 3. Estudantes universitários.  
4. Bacharéis. 5. Administração. 6. Ciências Contábeis. 7. Ciências  
Econômicas. I. Soares, Sandro Vieira. II. Universidade do Sul de  
Santa Catarina. III. Título.

CDD (21. ed.) 332.024

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me conduzido e guiado no caminho correto e por ter proporcionando saúde física, mental e espiritual para a conclusão desta etapa acadêmica.

Aos meus pais, Maurílio e Dulci (*in memoriam*), que sempre me incentivaram a buscar o conhecimento. Ensinando-me a ter foco e disciplina, para que em tudo que eu desejasse seria alcançado.

Agradeço a minha esposa, Cristiane e ao meu filho Daniel, pela paciência, compreensão, companheirismo e apoio incondicional durante este período intenso de estudos.

Agradeço aos professores do PPGA-UNISUL pelos conhecimentos passados e pelas discussões, sempre agregadoras e construtivas.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Sandro, que norteou minha pesquisa e por ter sanado todas as dúvidas possíveis. Pela amizade e profissionalismo, que foi essencial para o desenvolvimento desta pesquisa, sempre muito prestativo e comprometido com o seu trabalho.

Agradeço ainda a minha banca de qualificação, composta pelos professores Mauricio Andrade de Lima, Clarissa Carneiro Mussi e Thiago Coelho Soares, pela leitura cuidadosa e sugestões de melhorias para este trabalho.

Por fim, agradeço a **Elevadores Otis Ltda**, por todo investimento na minha formação ao longo do curso, onde concluo o mestrado com o custeio total, através do programa de Bolsa de Estudos.

Muito Obrigado!

## RESUMO

A presente pesquisa buscou analisar semelhanças e diferenças de universitários e bacharéis da área de negócios sobre finanças pessoais. Quanto à forma de abordagem, esta pesquisa classifica-se como quantitativa. Como instrumento para coleta de dados foi utilizado questionários *on line*, por meio da ferramenta Google Forms. A amostra final foi composta por 400 respondentes, sendo universitários e egressos da UDESC, UFSC e UNISUL, bem como, profissionais vinculados ao Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina (CRC-SC) e Conselho Regional de Economia (CORECON-SC). Para a análise dos dados, utilizou-se estatística descritiva e o teste Z de diferença de proporção. O estudo revelou que a poupança foi o investimento que obteve o maior percentual na pesquisa, sendo o mais conhecido, com 96,8%, o mais investido, com 91,3%, o mais investimento nos últimos 12 meses, com 48,0%. Por outro lado 38,5% dos respondentes afirmaram que já investiram na poupança e que não pretendem tornar a investir nela. O estudo revelou ainda, que 53,8% dos respondentes afirmaram ter um conhecimento limitado / pouca experiência com investimentos. Já o perfil de investidor identificado foi predominantemente o moderado. As estratégias utilizadas para pelos respondentes para aprender a investir, foi predominantemente por meios eletrônicos como: Internet, Youtube e Redes Sociais. Desta forma, pode-se afirmar a tecnologia vem contribuindo para disseminação de informações entre investidores. As maiores dificuldades enfrentadas no aprendizado foram a falta de conhecimento (33,4%), insegurança/medo (10,6%) e conteúdo duvidoso na internet (9,1%). Quanto ao tempo pretendido para manter os investimentos, 58,3% dos respondentes investem a longo prazo. Os dados apontam que, de modo geral, o conhecimento é similar entre os universitários e bacharéis, no entanto uma proporção maior de bacharéis conhecem a existência do título de capitalização, enquanto que uma proporção maior de universitários conhece mais Cripto Moedas, Dólas e ETFs - *Exchange Traded Funds*. Os bacharéis possuem mais experiência e praticam mais investimentos do que os universitários.

**Palavras chaves:** Finanças pessoais. Investimentos. Universitários. Bacharéis. Administração. Ciências Contábeis. Ciências Econômicas.

## ABSTRACT

This research sought to analyze similarities and differences between university and business graduates regarding personal finance. As for the approach, this research is classified as quantitative. As an instrument for data collection, online questionnaires were used, using the Google Forms tool. The final sample was made up of 400 respondents, including university students and graduates of UDESC, UFSC and UNISUL, as well as professionals linked to the Regional Accounting Council of Santa Catarina (CRC-SC) and the Regional Economic Council (CORECON-SC). For data analysis, descriptive statistics and the Z test for difference in proportions were used. The study revealed that savings was the investment that obtained the highest percentage in the survey, being the best known, with 96.8%, the most invested, with 91.3%, the most investment in the last 12 months, with 48.0 %. On the other hand, 38.5% of respondents stated that they have already invested in savings and do not intend to invest in it again. The study also revealed that 53.8% of respondents stated they had limited knowledge/little experience with investments. The identified investor profile was predominantly moderate. The strategies used by respondents to learn how to invest were predominantly through electronic means such as: Internet, YouTube and Social Networks. In this way, it can be said that technology has contributed to the dissemination of information among investors. The biggest difficulties faced in learning were lack of knowledge (33.4%), insecurity/fear (10.6%) and dubious content on the internet (9.1%). Regarding the intended time to maintain investments, 58.3% of respondents invest in the long term. The data shows that, in general, knowledge is similar between university students and bachelors, however a greater proportion of bachelors are aware of the existence of the capitalization bond, while a greater proportion of university students know more about Crypto Currencies, Dollars and ETFs - Exchange Traded Funds. Bachelor's degree holders have more experience and practice more investing than university students.

**Keywords:** Personal finances. Investments. College students. Bachelors. Administration. Accounting Sciences. Economic Sciences.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução de investidos B3 separado por gênero .....	43
Gráfico 2 - Evolução de valores aplicados na poupança .....	58

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Total da amostra .....	38
Tabela 2 - Evolução de investidos B3 separado por gênero .....	43
Tabela 3 - Perfil pessoa física por faixa etária.....	44
Tabela 4 - Frequência absoluta e relativa do perfil socioeconômico e demográfico .....	47
Tabela 5 - Investimento conhecidos pelos investidores da B3 .....	50
Tabela 6 - Frequência absoluta e relativa opções de investimento conhecidos.....	52
Tabela 7 - Frequência absoluta e relativa das opções de investimento já investidos .....	54
Tabela 8 - Investimentos atuais .....	56
Tabela 9 - Frequência absoluta e relativa dos investimentos realizados .....	57
Tabela 10 - Valores aplicados na poupança .....	58
Tabela 11 - Frequência absoluta e relativa dos investimentos que já foram investidos e que não investiria novamente .....	59
Tabela 12 - Frequência absoluta e relativa do perfil do investidor .....	62
Tabela 13 - Frequência absoluta e relativa de como aprendeu a investir .....	63
Tabela 14 - Forma que os investidores aprendem a investir .....	65
Tabela 15 - Forma que os investidores costumam se informar sobre investimentos .....	65
Tabela 16 - Frequência absoluta e relativa das dificuldades enfrentadas para aprender sobre investimentos.....	67

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil do investidor .....	22
---------------------------------------	----

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA.....	11
1.2	PROBLEMA DE PESQUISA .....	12
1.3	OBJETIVOS .....	13
1.3.1	<b>Objetivo geral .....</b>	<b>13</b>
1.3.2	<b>Objetivo específico .....</b>	<b>13</b>
1.4	JUSTIFICATIVAS .....	13
2	REVISÃO DE LITERATURA .....	16
2.1	EDUCAÇÃO FINANCEIRA .....	16
2.2	FINANÇAS PESSOAIS .....	18
2.3	EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ENSINO SUPERIOR .....	23
2.4	FINANÇAS COMPORTAMENTAIS.....	27
2.5	HIPÓTESES.....	33
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	34
3.1	ESTRATÉGIA DE PESQUISA.....	34
3.2	OBJETO DO ESTUDO .....	36
3.3	COLETA DE DADOS.....	37
3.4	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS .....	39
4	ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	42
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	42
4.2	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	49
4.3	ANÁLISE DAS PERGUNTAS ABERTAS.....	63
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	71
	REFERÊNCIAS .....	74
	APÊNDICE .....	83
	APÊNDICE A - PESQUISA SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E FINANÇAS PESSOAIS DOS UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DE NEGÓCIOS .....	83
	APÊNDICE B - PESQUISA SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E FINANÇAS PESSOAIS DOS BACHARÉIS DA ÁREA DE NEGÓCIOS.....	89

## 1 INTRODUÇÃO

Este capítulo introduz o presente estudo e apresenta a contextualização do tema, o problema da pesquisa e os objetivos geral e específicos do estudo, bem como a justificativa e limitações para a sua realização.

### 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Nas últimas décadas, o Brasil foi movido pela evolução econômica, associada à consolidação da moeda. Para Souza *et al.* (2018), a sociedade foi estimulada ao consumo de bens, produtos e serviços por meio da diminuição de juros, impostos, bem como as facilidades em obter empréstimos e financiamentos. Associado a esse crescimento, o endividamento dos indivíduos também aumentou significativamente, sendo a principal causa a falta de planejamento financeiro.

A pedido da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), que contribuiu com sua base de dados, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) realizou estudo e acompanhou o desempenho de todos os investidores que operaram minicontratos de índice ou de dólar entre 2012 e 2017, em operações de *Day Trade* (abrir e fechar a operação no mesmo dia). O estudo mostrou que 97% das pessoas que especulam na bolsa de valores perdem dinheiro e quem ganha leva menos de R\$ 300,00 por dia (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2019).

Levantamento divulgado pela Brasil Bolsa Balcão (B3), em agosto de 2021, mostra o crescimento de mais de 43% no número de investidores no primeiro semestre de 2021, ante o mesmo período de 2020, fechando o mês de junho com 3,8 milhões de contas. Já o volume de negócios diários em renda variável subiu 26% em relação ao mesmo período do ano passado, totalizando R\$ 14 bilhões. A pesquisa revela que as pessoas estão investindo com valores menores e que o primeiro investimento mediano mensal encolheu para R\$ 352, ante R\$ 985 em 2020 (BRASIL BOLSA BALCÃO, 2021).

Tendo em vista a falta de conhecimento da população quando o assunto é finanças, e a facilidade para acesso ao crédito, o brasileiro torna-se a cada dia mais endividado. Segundo a Serasa *Experian*, em dezembro de 2020, 61,4 milhões de pessoas estavam endividadas no Brasil (SERASA, 2021).

A Educação Financeira é essencial na vida do cidadão, sendo construída ao longo dos anos, principalmente na escola e universidade. Para Negri (2010), Educação Financeira é um processo educativo que, por meio de aplicação de métodos próprios, desenvolve atividades

para auxiliar os consumidores a orçar e gerir a sua renda, a poupar e a investir. São informações e formações significativas para que um cidadão exerça uma atividade, trabalho, profissão e lazer, evitando tornarem-se vulneráveis às armadilhas impostas pelo capitalismo.

Estudo realizado por Silva *et al.* (2020) analisou qual a interferência da falta de uma disciplina direcionada para educação financeira pessoal nas finanças pessoais e consequentemente no comportamento financeiro dos jovens universitários dos cursos de Administração e Economia inseridos na Universidade de Pernambuco - UPE e Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. O estudo revela que mesmo os cursos oferecendo apenas disciplinas sobre finanças empresariais, alguns acadêmicos conseguem aplicar conceitos vistos em aula na gestão de suas finanças pessoais, contudo não conseguem desenvolver todos os conhecimentos, competências e habilidades que uma disciplina específica iria desenvolver.

As Finanças Comportamentais buscam analisar os fatores psicológicos e sociológicos que influenciam a tomada de decisão financeira dos indivíduos, grupos e entidades. Para os autores Ricciardi e Simon (2000) as Finanças Comportamentais explicam sobre os padrões de raciocínio dos investidores, englobando os processos emocionais envolvidos e seu nível de interferência no processo de tomada de decisões.

Para Franceschini (2015), Finanças Comportamentais constitui uma área de conhecimento concentrada nos estudos das escolhas dos investidores partindo de evidências empíricas e pressupostos psicológicos. Neste sentido direciona aos modelos clássicos e é o resultado da falta de realismo psicológico na racionalidade. Se os agentes não forem perfeitamente racionais a capacidade de se fazer previsões fica comprometida. Desta forma, o objetivo das finanças comportamentais é explicar e prever decisões financeiras, considerando pressupostos psicológicos mais realistas.

A seguir, apresentam-se os temas que serão abordados nesta pesquisa. Para começar, expõe-se o problema de pesquisa, em seguida tem-se os objetivos, os objetivos gerais, específicos e justificativa para a realização do trabalho.

## 1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Diante das informações e conceitos apresentados, surge a seguinte questão de pesquisa: Qual a Semelhanças e Diferenças de Universitários e Bacharéis da Área de Negócios sobre Finanças Pessoais?

### **1.3 OBJETIVOS**

Este tópico explanará o objetivo geral e os objetivos específicos planejados para a elaboração deste trabalho.

#### **1.3.1 Objetivo geral**

Com o problema de pesquisa descrito acima, definiu-se como objetivo geral: analisar as semelhanças e diferenças de universitários e bacharéis da área de negócios sobre finanças pessoais.

#### **1.3.2 Objetivo específico**

- a) Diagnosticar o conhecimento dos produtos financeiros dos universitários e bacharéis da área de negócios;
- b) Identificar o perfil do investidor dos universitários e bacharéis da área de negócios;
- c) Identificar a diferença no nível de conhecimento de universitários e bacharéis da área de negócios;
- d) Mapear as estratégias utilizadas para aprender sobre investimentos de universitários e bacharéis da área de negócios;
- e) Mapear as dificuldades enfrentadas para aprender sobre investimentos de universitário e bacharéis da área de negócios.

### **1.4 JUSTIFICATIVAS**

A educação financeira é um tema que vem ganhando destaque ao redor do mundo, principalmente, após a crise financeira de 2007-2008, que trouxe à tona as consequências perversas que a falta de educação financeira e o crescimento do endividamento pessoal podem ter sobre a economia de um país, podendo até mesmo extrapolar as fronteiras nacionais. Neste sentido o tema proposto surgiu diante do questionamento se a estrutura curricular dos cursos de negócios contribui para universitários e bacharéis gerirem as suas Finanças Pessoais.

O mercado financeiro se torna a cada dia mais complexo, exigindo um conhecimento mais profundo acerca dele, assim possibilita que as pessoas façam uma melhor gestão de suas

finanças pessoais. A educação financeira torna-se fator chave para a escolha de investimentos e gestão do patrimônio.

De acordo com a Confederação Nacional de Bens, Serviços e Turismo (CNC), em agosto de 2021, o percentual de famílias que diz possuir dívida em linhas de crédito oferecidas pelo mercado financeiro alcançou 72,9%. Além do número de famílias endividadas, também aumentou o percentual de famílias com mais de 50% da renda mensal comprometida com suas dívidas. Essa proporção chegou a 21,1% do total de famílias endividadas (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO, 2021).

Segundo o Caderno de Cidadania Financeira do Banco Central do Brasil (BACEN) grande parte da população não sabe como gastam o seu dinheiro ou o quanto é gasto em cada grupo de despesas, como alimentação, moradia, educação, saúde, lazer, dívidas e juros, viagens e realização de sonhos ou outros gastos e investimentos (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013).

Neste sentido, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento (OCDE), enfatiza que a Educação Financeira sempre foi importante para ajudar consumidores a orçar e administrar suas receitas, poupar e investir de forma eficiente. Deve ser considerada no arcabouço regulador e administrativo e deve ser tida como ferramenta para promover crescimento econômico, confiança e estabilidade (ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO, 2005).

Estudo realizado por Massaro (2015) demonstra que a Educação Financeira vem sendo disseminada a nível mundial, com inúmeras iniciativas nesta temática, bem como sua influência e impacto nas vidas das pessoas. O tema está sendo discutido nas mais diversas esferas, tais como em universidades, iniciativa pública e privada.

Em âmbito nacional, em 2018, o CNE (Conselho Nacional da Educação) aprovou a inclusão da educação financeira na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), referência para a elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas. Já em 2021, o MEC (Ministério da Educação) trabalha em uma iniciativa com a CVM (Comissão de Valores Mobiliários) para disseminar a educação financeira nas escolas brasileiras (FORBES, 2021).

Entende-se desta forma a importância da propagação de conhecimentos acerca da Educação Financeira no país, uma vez que este apresenta um cenário cada vez pior no que concerne ao endividamento. A Educação Financeira, de forma ampla, aponta importantes ferramentas na melhor utilização de recursos financeiros.

Finanças Pessoais, no entendimento de Silva *et al.* (2020), tem o propósito de orientar o equilíbrio entre ganhar e gastar, desta forma é necessário que os indivíduos tomem decisões

baseadas na gestão de suas finanças pessoais. Desta forma, a Educação Financeira desenvolve habilidades e conhecimentos específicos que permite as pessoas a fazerem as melhores escolhas baseadas em seus recursos financeiros.

Neste sentido o estudo é importante para estimular a discussão em relação à relevância da Educação Financeira e Finanças Pessoais no cenário dos profissionais e futuros profissionais da área de negócio. Apesar deste grupo, teoricamente, possuir um nível de conhecimento em Finanças.

Por fim, ressalta-se o interesse deste estudo em contribuir para o programa de Mestrado em Administração (PPGA) da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), mais especificamente no que se refere à linha de pesquisa do programa de Desempenho Organizacional, ao qual o estudo está vinculado, visto que esta objetiva a aplicação e aperfeiçoamento de métricas e mensurações de avaliação que possam contribuir com a tomada de decisão (UNISUL, 2023).

Já existem pesquisas sobre grupos relacionados a finanças pessoais e educação financeira dos universitários, como Bidarte *et al.* (2021); Duda *et al.* (2022); Felipe S. Tomazelli (2022); Gonzalez, Souza e Santos (2015); Hugo M. Carvalho (2019); Jonatan D. Prado (2013); Melo e Moreira (2019); Patricia E. O. Nunes (2018); Teixeira, Lopes e Meurer (2023); Warley P. N. Silva (2019), porém, até a presente data, não houveram pesquisas relacionando grupos de universitários e bacharéis. A presente pesquisa contribuirá também para comparar semelhas e diferenças entre os dois grupos de indivíduos sobre os conhecimentos e práticas de finanças pessoais, considerando o ineditismo de pesquisas comparando os grupos de universitários e bacharéis no *stricto sensu*.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo apresenta a revisão da literatura, organizada em quatro seções: Educação Financeira (seção 2.1), Finanças Pessoais (2.2), Educação Financeira no Ensino Superior (2.3) e Finanças Comportamentais (2.4).

### 2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Para Grifoni (2012) a importância da Educação Financeira vem sendo notada, cada vez mais, pelos gestores Públicos e é percebida por meio de várias iniciativas dos governos ao redor do mundo. Um exemplo prático pode ser observado na realização de diversos fóruns internacionais para disseminação e troca de experiências sobre as ações desenvolvidas na área.

A Educação Financeira, no entendimento de Henriques (2010), contribui para sociedade com a agregação de práticas que auxiliará o indivíduo a gerenciar seus recursos financeiros em situações que lhe são apresentadas. O indivíduo precisa de conhecimento financeiro para poder tomar melhores decisões, não bastando agir por intuição. Neste sentido, a Educação Financeira possibilita a evolução para uma vida estável, orientando o investidor ao desenvolvimento do patrimônio e possibilitando as melhores escolhas para investimento.

Para Bassil (2018), a educação financeira é uma ferramenta indispensável no planejamento pessoal. Auxilia os indivíduos a gerir, poupar e investir sua renda, desta forma, garantindo uma boa gestão dos recursos e boa qualidade de vida. O assunto sobre educação financeira aumentou e se ressaltou em meio a sociedade contemporânea

Segundo o Caderno de Cidadania Financeira do Banco Central do Brasil (BACEN), Educação Financeira é o meio de prover conhecimento e informações sobre comportamentos básicos que contribuem para melhorar a qualidade de vida das pessoas e de suas comunidades, dispondo das decisões totalmente interligadas no país, desde os problemas ocasionados com o endividamento até a capacidade de investimentos (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013).

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento (OCDE) define Educação Financeira como sendo o conhecimento e o entendimento de conceitos financeiros e riscos, e as habilidades, motivação e confiança para aplicar esse conhecimento (ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO, 2005).

Para Andrade e Lucena (2018) a partir das habilidades e das decisões baseadas em conhecimentos sólidos, os indivíduos podem contribuir para a maior eficiência e estabilidade

de recursos financeiros em nível micro e macro da economia. Pessoas com maior nível de educação financeira são mais propensas a ter maior disponibilidade de renda e menor endividamento e possuem a maior direcionamento a poupança e preparação à aposentadoria.

Pesquisa realizada por Lusardi e Mitchell (2011), sobre educação financeira em oito países, concluiu que o analfabetismo financeiro, é independente do nível de desenvolvimento econômico dos países estudados. As mudanças econômicas não trouxeram benefícios ao conhecimento financeiros dos indivíduos, sugerindo que existe um limite daquilo que as pessoas podem aprender sozinhas.

Neste sentido, a educação financeira exerce um papel importante na vida das pessoas, uma vez que atua como instrumento de apoio para que os indivíduos tomem as decisões financeiras mais conscientes e esclarecidas. Klapper et al. (2012) complementam que a educação financeira proporciona o desenvolvimento das finanças pessoais e coopera para a destinação mais eficaz dos recursos financeiros, promovendo uma maior estabilidade financeira a nível micro e macro.

Lucena e Maciel (2010) alertam sobre a necessidade de programas voltados para a educação financeira, objetivando a conscientização e instrução da população sobre conceitos básicos de finanças, focando principalmente no crédito, poupança e investimento. Os autores complementam que as pessoas preparadas e com conhecimento financeiro tendem a fazer escolhas e tomar decisões financeiras mais assertivas.

A educação financeira reflete positivamente na vida pessoal ou profissional dos indivíduos. Para Fox et al. (2005) o controle nas finanças ajuda a diminuir as pressões sociais e psicológicas e elevando o bem-estar da família, além de reduzir o *stress*, a doença e as preocupações constantes. Pessoas que cresceram em famílias com o discernimento financeiro mais desenvolvido são menos deprimidas, apresentam um comportamento menos agressivo e anti-social e tem mais autoconfiança.

Dessa forma é fundamental que os cursos ligados a negócios como Ciências Contábeis Administração e Economia estejam muito próximos à melhor aceção de conhecimentos financeiros assimilados na vida acadêmica e pessoal através das práticas voltadas a educação financeira (CORREIA; LUCENA; GADELHA, 2015).

Para Lusardi (2008) realizar transações voltadas para finanças (investimentos, poupança) exige que o usuário tenha um conhecimento pleno, isso quer dizer que os indivíduos devem ter noções conceituais de: seguridade social, taxa de juros, inflação e noções de matemática financeira.

Nesse sentido, para Campos (2013) evidencia-se a importância da educação financeira no cotidiano dos jovens para auxiliar o processo de tomada de decisão, facilitando a aptidão de um futuro com independência financeira, e com isso obtenção de uma melhor qualidade de vida. Entende-se, portanto que a Educação financeira é diretamente ligada às decisões dos Jovens com relação ao consumo e investimentos.

A Educação financeira é importante para conscientização e instrução da população sobre conceitos básicos de finanças e riscos, além deste conhecimento é necessário que os indivíduos saibam gerir suas finanças pessoais, tópico este abordado a seguir.

## 2.2 FINANÇAS PESSOAIS

Quintana (2014) explica que a satisfação em ter uma vida financeira equilibrada faz toda a diferença no ser, por torná-lo um indivíduo bem-sucedido, confiante e preparado para tomar decisões assertivas no decorrer de sua vida. É a contabilidade que fornece ferramentas para gerar informações financeiras e econômicas, pois, sua prática está em cada transação diária das pessoas e das instituições.

Já Barbosa (2015) ressalta que o consumo exacerbado e de forma imediata cresce a cada dia e, conseqüentemente, as contas parceladas e os financiamentos a longo prazo provocando o endividamento. Segundo o autor, a falta de conhecimento básico de educação financeira produz o consumismo desenfreado e o endividamento. É necessário que o cidadão esteja informado, para que a cada dia ele tenha capacidade de enfrentar decisões mais complexas como a aquisição de um bem com maior valor e igualmente, não fique vulnerável a armadilhas, práticas abusivas, fraudes e comprometimento do seu orçamento.

O orçamento financeiro é uma ferramenta fundamental da Educação Financeira que permite a conscientização do indivíduo com a cultura do planejar (programar) a partir do reconhecimento de prioridades imediatas e decisões em longo prazo, tornando-se uma pessoa mais segura e preparada para realizar os seus sonhos (POTRICH et al., 2016).

Para Lizote et al. (2019), o tema finanças pessoais teve seu marco iniciado no Brasil, após o País ter passado por uma grande crise econômica, iniciado na década de oitenta. Esse momento se caracterizou pela queda dos investimentos, as expressivas reduções do Produto Interno Bruto (PIB), crescimento da inflação e da dívida interna e externa. Somente a partir da década de noventa, após o início Plano Real, e com a estabilização da Economia, o tema ficou em evidência no país.

Neste sentido, Araujo e Calife (2014) complementam que até o fim dos anos de 1990 no Brasil a educação financeira se direcionava para pessoas que possuíam recursos disponíveis para investimento, com dicas para alocação de capital por certo tempo. A instabilidade econômica do país fazia com que a maioria da população não conseguisse ter esse planejamento. Com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os autores identificaram que houve, a partir do ano de 2002, a diminuição da inflação e um aumento de operações bancárias. Com o aumento do crédito à população brasileira, de renda média, ocorreu o endividamento e a inadimplência, o que obrigou as instituições credoras a serem mais cautelosas na análise de crédito. Desta forma houve um aumento do interesse pelo planejamento e pela educação financeira.

Para Fernandes et al. (2012), finanças pessoais estão atreladas a gestão do próprio capital, organização de contas, administração das receitas, das aplicações financeiras, previsão de rendimentos e priorização de investimentos. Já os autores Cherobim e Espejo (2010), conceituam finanças pessoais como sendo a ciência que estuda a aplicação de conceitos financeiros nas decisões financeiras de uma pessoa ou família. Entre estes conceitos estão às receitas, despesas, investimentos, poupança, financiamentos, planos de aposentadoria e seguros.

O objetivo de finanças pessoais, no entendimento de Foulks e Graci (1989), é fazer com que os indivíduos apliquem os conceitos de finanças e economia, buscando a tomada de decisão coerente com o planejamento financeiro, para que possa atingir a satisfação dos desejos e necessidades, sem comprometer as finanças.

As finanças pessoais apresentam diversos benefícios para a economia. Porém as pessoas, no geral, apresentam baixo grau de conhecimento financeiro. Andrade e Lucena (2018) explicam que para os brasileiros o dinheiro é sinônimo de meio de pagamento necessário para o cotidiano e investimento é simplesmente a aquisição de bens como carros e casas. As famílias possuem uma visão equivocada do mundo financeiro, há um descompasso entre a visão profissional e a visão da população.

Neste sentido Potrich et al. (2016) reiteram que, por meio da educação financeira, os indivíduos melhoram sua compreensão sobre os produtos financeiros, e os seus riscos, podendo desenvolver habilidades e a confiança necessária para a tomada de decisão segura, e melhorando o seu bem-estar.

Para Deng et al. (2013) finanças pessoais tem como propósito orientar o equilíbrio entre ganhar e gastar. Os indivíduos precisam tomar decisões baseadas na gestão de suas finanças pessoais. Neste sentido a educação financeira desenvolve habilidades e

conhecimentos específicos que permite ao indivíduo fazer as melhores escolhas baseadas em seus recursos financeiros.

Cerbasi (2004) destaca que o controle e conhecimento das finanças pessoais são essenciais quando se trata de estabilidade financeira. A riqueza não depende do que se ganha, e sim da forma como se gasta. Quando administrada de uma forma racional e inteligente, uma renda baixa pode sim construir um padrão de vida confortável e que venha a se manter no futuro.

Para Braunstein e Welch (2002) a administração ineficiente do dinheiro deixa os consumidores vulneráveis a crises financeiras mais graves. As operações de mercado e as forças competitivas ficam comprometidas quando consumidores não têm habilidade para administrar eficientemente suas finanças. O mercado se torna mais competitivo e mais eficiente quando os agentes são bem-informados.

Neste sentido, Cerbasi (2013) explica que o equilíbrio financeiro não está em ter as contas em dia e sem dívidas atrasadas. O equilíbrio desse tipo de situação é bastante frágil e pode ser desfeito em qualquer imprevisto. O patrimônio mínimo de sobrevivência é aquele que o indivíduo necessita para ter um rumo a sua vida em caso de desemprego, doença ou planos frustrados em sua atividade de negócios. É com essa reserva que manterá o padrão de consumo até que as coisas se normalizem.

Hoji (2010) complementa que não existe uma fórmula mágica que sirva para todas as pessoas, pois cada uma precisa descobrir sua maneira de equilibrar e usar as técnicas mais adequadas a sua realidade econômico-financeira. Fazer a gestão dos gastos e manter o equilíbrio e planejamento financeiro, não exige cálculos complexos e sim bastante disciplina, controle e, em algumas vezes, renúncias por algumas compras. Conseqüentemente é preciso que haja consciência, planejamento e controle financeiro.

Atualmente existem profissionais que recomendam produtos de investimentos para clientes em diversos segmentos e outros que realizam a gestão de recursos em nome do investidor. Para atuar neste mercado o profissional financeiro precisa ter, além do conhecimento nos produtos e serviços financeiros, uma certificação emitida por uma Instituição de Mercado de Capitais.

A Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA) é a instituição que estabelece princípios e padrões de conduta a serem observados pelos profissionais certificados no desempenho das atividades de prospecção ou venda de produtos de investimento, assessoria aos gerentes de contas de investidores e gestão profissional de recursos de terceiros; dispõe sobre as regras a serem observadas pelas

instituições participantes, incluindo a manutenção da certificação de seus profissionais (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS, 2021).

A ANBIMA habilita os profissionais com as seguintes certificações: a) CPA 10 – para atuam na distribuição de produtos de investimento em agências bancárias ou plataformas de atendimento; b) CPA 20 - para atuam na distribuição de produtos de investimento para clientes dos segmentos varejo alta renda, *private*, *corporate* e investidores institucionais em agências bancárias ou em plataformas de atendimento; c) CEA - para atuarem no mercado financeiro como especialistas em investimentos. Eles podem recomendar produtos de investimentos para clientes em diversos segmentos, além de assessorar gerentes de contas; e d) CGA – para atuarem com gestão de recursos de terceiros em fundos de investimento de renda fixa, ações, cambiais, multimercados, carteiras administradas e fundos de índice. Ela é obrigatória para quem ocupa cargos com poder de decisão de compra e venda dos ativos financeiros que integram as carteiras desses veículos de investimento (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS, 2021).

Já a Associação Nacional das Corretoras e Distribuidoras de Títulos e Valores Mobiliários, Câmbio e Mercadorias (ANCORD) representa as corretoras e distribuidoras de valores mobiliários, corretoras de câmbio, bancos, *assets* e outras instituições financeiras, além dos agentes autônomos de investimento (AAI), pessoas físicas e jurídicas (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS CORRETORAS E DISTRIBUIDORAS DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS, CÂMBIO E MERCADORIAS, 2021).

O agente autônomo de investimento (AAI) é um profissional fundamental para o mercado financeiro. Ele atua com a finalidade de auxiliar o investidor no entendimento de investimentos, principalmente em relação a riscos. Para exercer a profissão é preciso ter a certificação (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS CORRETORAS E DISTRIBUIDORAS DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS, CÂMBIO E MERCADORIAS, 2021).

No Quadro 1, apresenta-se o resumo dos perfis de investidores, principais características, tolerância ao risco, prazo de investimento e exemplo de investimentos, de acordo com a corretora CM Capital (2023), CVM (2023) e Tesouro Nacional (2022).

**Quadro 1 – Perfil do investidor**

Perfil	Característica Principal	Tolerância ao Risco	Exemplos de Investimentos
Conservador	Preserva o capital. Investidor com maior aversão ao risco, priorizando liquidez e segurança na hora de investir	Baixo	Poupança, Título de Capitalização, Títulos Públicos (Tesouro direto), FIRF - Fundo de Investimento em Renda Fixa, FII - Fundo de Investimento Imobiliário, FIA - Fundo de Investimento em Ações, FIM - Fundo de Investimento Multimercado, Previdência Privada, Ouro, Dólar, CDB - Certificado de Depósito Bancário, CRA - Certificado de Crédito Agronegócio, CRI - Certificado de Crédito Imobiliário, LCA - Letra de Crédito Agronegócio, LCI - Letra de Crédito Imobiliário
Moderado	Investidor que aceita arriscar uma parcela do capital em busca de melhores oportunidades de rentabilidade	Médio	COE - Certificado de Operações estruturadas, Ações, Debêntures
Agressivo ou Arrojado	Investidor com maior tolerância ao risco e que deseja melhores oportunidades de rentabilidade	Alto	Derivativos, Cripto Moedas, ADRs - American Depositary Receipt, ETFs - Exchange Traded Funds

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

A Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais (APIMEC) tem por finalidade o credenciamento dos analistas e profissionais de investimento e a supervisão de suas atividades. As certificações emitidas visam comprovar a qualificação técnica necessária dos profissionais que atuam nos mercados financeiro e de capitais no Brasil. As certificações mais emitidas são: CNPI para o analista fundamentalista, CNPI-T para o analista técnico e CNPI-P para o analista pleno - fundamentalista e técnico (ASSOCIAÇÃO DOS ANALISTAS E PROFISSIONAIS DE INVESTIMENTO DO MERCADO DE CAPITAIS, 2021).

O profissional certificado CNPI está habilitado para emitir relatórios de recomendações, de compra ou venda de ativos, através de análise fundamentalista. Já a

certificação CNPI-T habilita o profissional a emitir relatórios de recomendações através de análise gráfica. E o CNPI-P habilita o profissional a emitir relatórios de recomendações de análise fundamentalista e/ou gráfica (ASSOCIAÇÃO DOS ANALISTAS E PROFISSIONAIS DE INVESTIMENTO DO MERCADO DE CAPITAIS, 2021).

Para a Associação Brasileira de Planejamento Financeiro (PLANEJAR), responsável pela Certificação CFP® para profissionais e empresas ligados à atividade de planejamento financeiro pessoal no Brasil, o Educador Financeiro é o profissional que transmite seu conhecimento por meio de palestras, artigos e cursos, ou seja, sua comunicação é feita em massa e não de forma individual. Já o Planejador Financeiro Pessoal, é aquele profissional que se especializa nas finanças da Pessoa Física e transmite seu conhecimento de forma individualizada, atendendo às necessidades específicas de cada pessoa e família que o procura (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PLANEJAMENTO FINANCEIRO, 2021)

A Certificação CFP® (*Certified Financial Planner*) é uma certificação internacional de distinção, de caráter não obrigatório, que prepara o profissional para o exercício da atividade de planejador financeiro pessoal. O profissional que possui esta certificação está habilitado para realizar a gestão de investimentos, planejamento da aposentadoria, gestão de riscos e seguros, planejamento fiscal e planejamento sucessório (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PLANEJAMENTO FINANCEIRO, 2021).

### 2.3 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ENSINO SUPERIOR

Diante de uma sociedade apoiada no consumo, de mudanças sociais e culturais que influenciam comportamentos e da instabilidade da economia, a questão financeira ultrapassa as fronteiras da responsabilidade individual ou familiar. Passa a compreender aspectos relacionados às esferas social, produtiva, de governo e do mercado financeiro conjuntamente (SALEH, 2010). A educação financeira pode auxiliar na compreensão básica do sistema financeiro e na organização das finanças pessoais. Atua assim, como uma ferramenta de conhecimento que ajuda no reconhecimento de possibilidades e de limitações desse sistema que influencia as relações econômicas do país e tem reflexos no cotidiano das pessoas.

Em um estudo empírico realizado por Miranda (2012), com o intuito de mensurar a contribuição escolar na renda dos indivíduos, conclui que quando a pessoa detém algum tipo de conhecimento em finanças, ela tem mais aptidão para tomar decisões a partir de conceitos adquiridos durante a exposição de conteúdos financeiros.

Segundo Kern (2009), os currículos escolares agregam uma imensidão de conteúdos que necessitam ser transmitidos aos alunos, todavia, são poucas as instituições de ensino que abrangem sobre o conhecimento de Educação Financeira em suas aulas. Desta forma, carecem que as escolas insiram aos conteúdos na disciplina de Matemática, por exemplo, e que façam uma relação dos conhecimentos adquiridos com a vivência do aluno e contribuam para a construção de um cidadão com conhecimento em Finanças Pessoais.

Assuntos relacionados ao “mundo financeiro” não são exclusividade do mundo adulto. A partir do momento em que a criança começa a desenvolver suas habilidades de comunicação e percepção das atividades de trocas de produtos por um tipo de papel que os pais intitulam de “dinheiro”, elas já participam do universo das finanças. A escola não pode estar de fora da contribuição dos assuntos de Educação Financeira. Ela necessita prosseguir com conceituação, interpretação, ferramentas práticas, entre outros, para provocar a curiosidade e a aplicação do conhecimento ao aluno em seu cotidiano (KERN, 2009).

O acesso a informações sobre educação financeira, aliado a ações problematizadoras junto à sociedade e, principalmente aos idosos, favorece o desenvolvimento de conhecimentos e melhora as habilidades para lidar com o dinheiro, podendo ter impactos nas atitudes de consumo. Conforme o autor Saleh (2010), as competências estariam relacionadas a pesquisar, planejar, avaliar e tomar decisões mais conscientes não só sobre a sua realidade financeira, mas também, em relação aos elementos envolvidos nas relações de consumo. Nesse sentido, a abordagem da educação financeira se constitui a partir de uma visão crítica sobre o sistema.

A Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) foi instituída pelo Decreto Federal N° 7.397, de 22 de dezembro de 2010. Sua finalidade é a de “promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores” (BRASIL, 2010). Para conduzir a iniciativa, foi organizado o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF), compreendido por órgãos e entidades de governo, a saber: Banco Central do Brasil, Comissão de Valores Imobiliários, Superintendência Nacional de Previdência Complementar, Superintendência de Seguros Privados, Ministério da Justiça e Cidadania, Ministério da Educação e Ministério da Fazenda.

O Programa de Educação Financeira nas escolas do Brasil faz parte da estratégia no ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira), pelo Decreto Federal 7.397 de 2010, que tem como objetivo propagar os conhecimentos culturais em finanças como: planejamento, prevenção, poupança, investimento e consumo consciente. Em 2010 e 2011, foi realizado o projeto piloto em 891 escolas públicas de Ensino Médio, em seis estados, utilizando o

documento denominado de “Orientações para Educação Financeira nas Escolas”, para que direcionasse o programa de acordo com o currículo de Educação Básica e fosse executado nas instituições escolares, surgindo o Grupo de Apoio Pedagógico (GAP), juntamente com a ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira) e direção do MEC que acredita na relevância do tema abordado para a construção de adultos conscientes dos desafios sociais e econômicos que acontecem diariamente (BRASIL, 2010).

Para a construção da ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira) foi instituído o Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiro de Capitais, de Seguros, de Previdência e de Capitalização (COREMEC). Este reúne quatro reguladores do Sistema Financeiro Nacional: o Banco Central do Brasil (BCB), a Comissão de Valores Imobiliários (CVM), a Superintendência Nacional de Previdência Complementar (PREVIC) e a Superintendência de Seguros Privados (SUSEP) (OCDE, 2013).

O Ministério da Educação (MEC) tem como competência formular e induzir a política nacional de educação presidindo permanentemente o Grupo de Apoio Pedagógico (GAP) quanto aos aspectos pedagógicos relacionados à Estratégia Nacional de Educação Financeira, (ENEF, 2017). Dentre as iniciativas do MEC estão a formulação de materiais educativos para o Ensino Fundamental e Médio e a validação de materiais para a abordagem da educação financeira no Ensino Fundamental por meio do GAP. O foco da ENEF está no desenvolvimento e implementação de programas para três públicos-alvo: crianças, jovens e adultos. A proposta voltada para a Educação Básica, sob orientação do MEC, organizou o projeto “Educação Financeira nas Escolas” realizado em instituições de ensino da rede pública do país. As temáticas abordaram finanças pessoais, orçamento, planejamento, previdência social, sistema financeiro e investimentos (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2017).

Ligada a proposta da ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira), a Associação de Educação Financeira do Brasil (AEFBrasil) iniciou, em 2013, o Programa de Educação Financeira para Adultos que já envolveu 6.500 pessoas, entre aposentados com renda de até dois salários mínimos e mulheres beneficiárias do programa Bolsa Família (AEF-BRASIL - Associação de Educação Financeira do Brasil, 2016)

O Banco Central do Brasil (BCB), além de participar da formulação da ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira), desenvolve ações setoriais de Educação Financeira desde 2003. Em 2012, criou o Programa Cidadania Financeira, voltado à promoção da educação financeira e do acesso do cidadão a informações referentes ao sistema financeiro.

A iniciativa oferece dicas de como organizar o orçamento familiar, aborda a relação com o dinheiro e consumo planejado e consciente (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2017).

A Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros S.A (BM & FBOVESPA), posteriormente denominada Brasil, Bolsa Balcão (B<sup>3</sup>) promove ações com foco no longo prazo, com o objetivo de introduzir os conceitos básicos de educação financeira. Dentre as ações promovidas pela bolsa de valores estão cursos e palestras gratuitos e pagos nas diferentes modalidades: presencial, semipresencial e a distância e consultoria educacional. Possui um canal no YouTube “BM&FBOVESPA” que disponibiliza vídeos educacionais sobre temas do cotidiano, incluindo organização do orçamento e informações sobre investimentos em ações. Em parceria com a TV Cultura, exibe a “TV Educação Financeira” oferecendo informações sobre investimentos, finanças pessoais e conceitos econômicos. Possui também, outras iniciativas como simuladores de investimentos, a “Turma da Bolsa” voltada para oferecer educação financeira para crianças entre outros que podem ser acessados no portal sobre educação financeira da BM&FBOVESPA (BM&FBOVESPA, 2017)

A Federação Brasileira dos Bancos (FEBRABAN) oferece a Escola de Cidadania Brasileira cujo objetivo é disseminar princípios de educação financeira que permitam decisões conscientes quanto ao uso do dinheiro, crédito e aquisição de produtos financeiros. O portal “Meu Bolso em Dia” oferece além de educação financeira para as famílias, ferramentas que facilitam o planejamento financeiro (ESTRATÉGIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA, 2017).

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento (OCDE) sugere que a educação financeira comece desde cedo na escola, contribuindo para formar uma sociedade com bem-estar financeiro de maior qualidade. Desta forma, facilitando a compreensão de conceitos financeiros, suas características, riscos e oportunidades de produtos e serviços financeiros e também entender a gestão das finanças pessoais. Conseqüentemente fará com que o cidadão forme um conjunto básico de capacidades necessárias para o sucesso em suas finanças (ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO, 2005).

Em âmbito nacional, em 2018, o CNE (Conselho Nacional da Educação) aprovou a inclusão da educação financeira na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), referência para a elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas. Já em 2021, o MEC (Ministério da Educação) trabalhou em uma iniciativa com a CVM (Comissão de Valores Mobiliários) para disseminar a educação financeira nas escolas brasileiras (FORBES, 2021).

Os autores Punhagui *et al.* (2016) explicam que alguns cursos de negócios oferecem disciplinas voltadas para o campo financeiro como é o caso de Ciências Contábeis, Economia

e Administração, porém nas estruturas curriculares não são ofertadas disciplinas específicas de educação financeira. De forma geral, os cursos estão direcionados para as organizações, para as quais os alunos são capacitados a gerenciar ativos e passivos em nível organizacional.

Em pesquisa realizada por Lucci *et al.* (2008), com universitários dos cursos de Administração e Ciências Contábeis, na Faculdade Independente Butantã, foi constatado que o nível dos conceitos financeiros é diretamente proporcional ao nível de educação financeira estudada nos cursos. Verificou-se também que há aplicação prática dos conceitos aprendidos em sala de aula no mundo real.

Estudo realizado por Freitas (2019) buscou identificar os fatores de influência do conhecimento sobre finanças pessoais e educação financeira dos estudantes de Administração, Ciências Contábeis e Economia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Na pesquisa foi identificado que tanto os alunos ingressantes quanto os concluintes apresentaram um bom conhecimento em Educação Financeira. Já em relação ao conteúdo de Educação Financeira nas aulas, os discentes disseram ter visto muito pouco sobre essa temática.

Silva *et al.* (2020) realizaram estudo que analisou a interferência da falta de uma disciplina direcionada para Educação Financeira pessoal e conseqüentemente no comportamento financeiro dos jovens universitários dos cursos de Administração e Economia inseridos na Universidade de Pernambuco (UPE) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A pesquisa demonstra que mesmo os cursos oferecendo somente disciplinas sobre finanças corporativas, alguns acadêmicos conseguem aplicar conceitos vistos em sala de aula na gestão de suas finanças pessoais. Porém não desenvolveram todos os conhecimentos, competências e habilidades que uma disciplina específica poderia desenvolver.

## 2.4 FINANÇAS COMPORTAMENTAIS

A teoria de finanças comportamentais, surgiu na década de 1970, onde diversos estudos mostravam a existência de anomalias nesta área. Por meio das pesquisas realizadas pelos psicólogos Amos Tversky e Daniel Kahneman (1974) foram identificadas várias situações em que o ser humano tomava decisões baseadas em vieses que os afastavam da racionalidade, o que contrariava os pressupostos da teoria econômica. Para Milanez (2003), finanças comportamentais incorpora conceitos da Psicologia, da Sociologia e de outras ciências, visando a aproximação da teoria de finanças à realidade dos mercados financeiros.

Os autores Ricciardi e Simon (2000) apresentam em seu estudo que as Finanças Comportamentais explicam sobre os padrões de raciocínio dos investidores, englobando os

processos emocionais envolvidos e seu nível de interferência no processo de tomada de decisões. As Finanças Comportamentais buscam analisar os fatores psicológicos e sociológicos que influenciam a tomada de decisão financeira dos indivíduos, grupos e entidades.

Para Arruma (2006), as Finanças Comportamentais referem-se a uma abordagem diferenciada para o estudo do mercado financeiro e, particularmente, para a análise do comportamento do investidor, reagindo às possíveis falhas observadas no modelo considerado pela Moderna Teoria de Finanças.

Neste sentido, Sewell (2007) afirma que as Finanças Comportamentais são uma vertente de estudo em que se analisa a influência de aspectos psicológicos no comportamento dos agentes e suas implicações no mercado financeiro. Refere-se a uma abordagem diferenciada para o estudo do mercado financeiro e para a análise do comportamento do investidor.

O principal objetivo dos estudos na área de Finanças Comportamentais, segundo Leone e Guimarães (2012), é identificar e compreender as ilusões cognitivas responsáveis pelos erros sistemáticos de avaliação dos investidores, a fim de adaptar os modelos econômicos e financeiros, buscando orientar e capacitar os agentes econômicos para que sua tomada de decisão ocorram de maneira mais adequada.

Para Lucena *et al.* (2013), a influência de aspectos psicológicos no comportamento humano tornou-se um importante viés a ser explorado, a partir da consideração de uma visão abrangente no que diz respeito ao entendimento do processo decisório e da relação entre a racionalidade e a irracionalidade nesse processo.

Finanças Comportamentais constitui uma área de conhecimento concentrada nos estudos das escolhas dos investidores partindo de evidências empíricas e pressupostos psicológicos. A crítica fundamental, segundo Franceschini (2015), é direcionada aos modelos clássicos e é o resultado da falta de realismo psicológico na racionalidade. Se os agentes não forem perfeitamente racionais a capacidade de se fazer previsões fica comprometida. Neste sentido, o objetivo das finanças comportamentais é explicar e prever decisões financeiras, considerando pressupostos psicológicos mais realistas.

Os autores Halfeld e Torres (2001) afirmam que as finanças comportamentais proporcionaram contribuições relevantes para as teorias de finanças anteriormente vigentes, principalmente nos aspectos que envolvem os investidores, os quais deixaram de ser considerados totalmente racionais, como defendido inicialmente, para serem considerados indivíduos simplesmente normais.

As correntes de pensamento e discussões em Finanças Comportamentais têm crescido, com aumento de pesquisas e teorias que consideram fatores cognitivos para explicar algumas decisões tomadas pelos *stakeholders*. Dentre elas estão as Heurísticas, em especial a Teoria da Prospectiva, proposta por Kahneman e Tversky (1979), que fez com que o psicólogo Daniel Kahneman ganhasse o prêmio Nobel de Economia em 2002, e reconhecidos por ter conseguido ligar as experiências laboratoriais à análise empírica da economia e ao estudo dos mecanismos alternativos do mercado financeiro.

Finanças antigas, como é denominada a sua fase que precedia aos anos de 1950, eram caracterizadas pelas normativas e padronização das demonstrações financeiras. Para Haugen (2000), as demonstrações contábeis permitem a comparação entre as empresas, além de terem o direito legal dos títulos de crédito e procedimentos do mercado financeiro voltado principalmente a captação de recursos.

As finanças modernas surgem a partir de 1950, com os estudos de Markowitz (1952; 1959), com enfoque positivista e associado ao racionalismo, especificamente dos investidores e agentes do mercado financeiro. Para Markowitz (1952), o processo de selecionar uma carteira pode ser dividido em dois estágios: o primeiro estágio se inicia com a observação e a experiência do investidor e acaba com as crenças nos desempenhos futuros dos títulos disponíveis para investimento; o segundo estágio tem início com as crenças relevantes nos desempenhos futuros e acaba com a escolha da carteira propriamente dita. Neste sentido o autor destaca que todo investidor lida com duas incertezas no processo de investimento, sendo o retorno esperado antecipado ou descontado e o risco, que seria a variância deste retorno. Ambos devem ser levados em consideração na seleção de uma carteira, e que o retorno é o fator desejável pelo investidor e a variância o fator indesejável.

Outros estudos foram desenvolvidos por Sharpe (1964), Lintner (1965) e Mossin (1966), que contribuíram para o surgimento da teoria do portfólio, através da precificação de ativos como o *Capital Asset Pricing Model* (CAPM). Os autores explicam que os agentes, ao estabelecerem critérios na avaliação de opções, terão acesso a todas as informações necessárias e agirão de forma racional na escolha da melhor opção que maximize o retorno do investimento.

Em 1970, baseado em evidências empíricas do mercado, Fama (1970) propõe um novo pilar das finanças modernas com a proposição dos mercados eficientes. Esta hipótese propõe que os preços dos títulos devem variar de forma aleatória de um período para o outro em consequência do surgimento de informações divulgadas, publicamente acessíveis e que irão compor o novo preço. As classificações da eficiência de um mercado são denominadas como

fraca, semiforte e forte. Desta forma, a teoria parte do pressuposto da aceitação de um conjunto de hipóteses que colocam os investidores a um mercado perfeito, sem custos de transação, com acesso as informações, com crenças homogêneas e que toma decisões racionais.

Embora muitos investidores e estudiosos já soubessem que o mercado era muito mais do que algumas equações racionais e exatas, foi só após os estudos de Slovic (1972), de Tversky e Kahneman (1974) e Kahneman e Tversky (1979) que se pode ter um embasamento científico para a defesa do conhecimento empírico. Para Lima (2003), muitos investidores há tempos consideram que a psicologia é uma chave importante para determinar o comportamento do mercado. No entanto, apenas em tempos recentes o tema está sendo abordado com maior cuidado e dedicação.

Para Haugen (2000), as finanças modernas são baseadas em modelos de risco-retorno e partem do princípio da racionalidade do investidor e da eficiência do mercado. Desta forma, surgiu a necessidade de um novo modelo às novas finanças. A partir da dificuldade dos modelos teóricos utilizados, surgiram as finanças comportamentais para explicar o crescente número de anomalias, e desta forma, explicar os comportamentos empíricos não explicados pela teoria moderna.

As Heurísticas são processos cognitivos empregados em decisões não racionais. No entendimento de Gigerenzer (2011), são definidas como estratégias que ignoram parte da informação com o objetivo de tornar a escolha mais fácil e rápida. É um método onde as pessoas, por tentativa e erro, criam regras e atalhos mentais para diminuir a energia gasta na tomada de decisão, simplificando este processo.

Para Tversky e Kahneman (1974) as pessoas se apoiam em um número limitado de princípios heurísticos ao realizarem tarefas complexas de avaliar probabilidades e prever valores, fato este que pode levar a erros graves e sistemáticos. São elencados pelos autores três heurísticas empregadas pelos indivíduos nestes momentos de avaliar probabilidades e prever valores. 1) heurística da representatividade; 2) heurística da disponibilidade; e 3) heurística de ancoragem.

A heurística da representatividade observa o grau de semelhança entre um evento e a sua população-mãe. Diz respeito a probabilidade de um evento incerto de acordo com o quanto ele é similar a ou representativo da população da qual se origina e de acordo com o grau que ele reflete os aspectos proeminentes do pelo qual é gerado.

Kahneman (2012) explica que há uma maior probabilidade de se classificar uma pessoa pela roupa que ela veste. Se estiver vestido com uma batina existe uma grande chance

de ser padre. Se estiver de terno e gravata talvez seja executivo ou advogado. O fato remete a algum caso típico que, muitas vezes, não revela nada sobre a pessoa. Ela pode estar vestindo uma roupa que não defina, com certeza, qual a sua profissão ou modo de vida.

Para Samson (2015) a heurística da representatividade está presente em situações em que uma pessoa estipula a frequência ou probabilidade de um evento pela facilidade que ele vem a sua mente, o que leva a vieses na previsão feita pelos indivíduos. Os autores Lucena *et al.* (2011) afirmam que as pessoas tendem a pensar sobre eventos ou objetos e a fazer julgamentos sobre eles baseando-se em estereótipos previamente formados.

A Heurística da Disponibilidade é conceituada por Kahneman (2012) como sendo a confiança em que as pessoas possuem em buscar algum fato da memória. As pessoas buscam associações entre informações que lhes são mais familiares e tendem a se concentrar em um fato particular ao invés da situação como um todo.

Para Tversky e Kahneman (1974), nesta heurística, os indivíduos tendem a julgar como mais prováveis os acontecimentos que recordam melhor, por serem mais salientes ou mais recentes, do que acontecimentos de igual frequência, mas cujas instâncias não são tão facilmente recordadas: heurística da disponibilidade. Isso explica, segundo Atreya *et al.* (2015) o motivo que leva pessoas a fazerem seguros contra enchentes após grandes tempestades.

Neste sentido, Jesuíno (1992) explica que nesta heurística os indivíduos baseiam os seus juízos na facilidade em recordarem informação pertinente, ou seja, pode ser mais fácil recordarem ou imaginarem soluções distributivas do que soluções integrativas, precisamente porque são menos familiares e menos óbvias.

A Heurística da Ancoragem é conceituada por Tversky e Kahneman (1974) e ocorre quando uma pessoa, no processo decisório, se vale de um valor de referência (âncora) para escolher um determinado rumo de ação. Por exemplo, na compra de um carro novo, o comprador pode ancorar seu julgamento na lista de preços do veículo e mentalmente ajustar este valor para descontos que eventualmente podem ser concedidos. Os ajustamentos partindo das “âncoras iniciais” são geralmente insuficientes e levam a vieses das estimativas de valor.

Neste sentido, Anache e Laurencel (2013), apontam que o ponto de partida, também chamado de âncora, pode ser visualizado, por exemplo, em casos de compra e venda de ações, quando os investidores utilizam como referência algum preço atingido em dada época. O que para Macedo Jr. (2003) é a tendência que os investidores têm de formar estimativas a partir de um ponto inicial.

Para Baron (1994) esta heurística costuma conduzir a uma resposta razoável, mas geralmente as pessoas confiam excessivamente na âncora e seus ajustes são pequenos demais. Além disso, a heurística da ancoragem e ajuste demonstra que seres humanos tendem a defender suas hipóteses e crenças.

A Teoria do Prospecto, para Kahneman e Tversky (1979), considera que as probabilidades adotadas nas finanças devem ser substituídas por pesos de decisão e que estes valores precisam ser atribuídos aos ganhos e às perdas em vez de serem relacionados aos resultados finais. A partir daí, a função de valor é tida como côncava no domínio dos ganhos e convexa no domínio das perdas. Na maioria das vezes, a função termina sendo mais inclinada para os resultados negativos do que para os positivos. Os pesos atribuídos às decisões são inferiores às suas probabilidades, exceto nas situações em que a probabilidade de ocorrência é muito baixa.

Para Fernandes *et al.* (2016), através do uso da Teoria dos Prospectos é possível compreender de maneira eficiente os vieses que interferem no processo decisório. Estes vieses levam ou podem levar a erros de preferências, e são identificados como os principais fatores que interferem na tomada de decisão.

Para Brito e Amaral (2020) a Teoria da Perspectiva parte do pressuposto que a tomada de decisão não é um processo puramente racional. Leva em consideração que as emoções podem interferir na tomada de decisão, bem como prejudicar a interpretação do contexto em que se está inserido. O ponto principal dessa teoria é a descrição de como os indivíduos escolhem por alternativas através de maneiras não lógicas por diversos motivos. Desta forma, esta teoria analisa os comportamentos dos investidores a partir de seus efeitos no processo de tomada de decisão, sendo os principais, certeza, reflexão e isolamento.

Kahneman e Tversky (1979) encontraram a ocorrência de aversão à perda em suas pesquisas, que abordaram fatores de controle que podem influenciar o comportamento dos investidores, incluindo idade, gênero, ocupação, rendimento, conhecimento dos mercados financeiros, etc. As descobertas geraram generalizações na época que sustentaram a base do material compósito utilizado atualmente. Por outras palavras, a nossa confiança comportamental transcende gerações e modelos de investimento.

E por fim, Kimura (2003) conclui que a Teoria do Prospecto proporciona a identificação das diferenças comportamentais nos investidores diante das perdas e dos ganhos, como a sua disposição em se expor mais a riscos com o intuito de recuperar perdas passadas e a tendência de buscar reverter posições anteriores para alcançar lucros elevados.

## 2.5 HIPÓTESES

As hipóteses de pesquisa, no entendimento de Marconi e Lakatos (2003) representam a proposição de resposta “suposta, provável e provisória” ao problema de pesquisa proposto no estudo.

Para Levine, Stephan e Szabat (2016), os testes de hipóteses são bastante úteis quando se quer fazer inferências em relação a um parâmetro da população, ou da distribuição da população, através da análise das diferenças entre os resultados observados e os resultados que se espera obter.

Neste sentido, Devore (2006) explica que as hipóteses estatísticas, ou simplesmente hipóteses, são uma alegação ou afirmação sobre o valor de único parâmetro, sobre os valores de vários parâmetros ou sobre a forma de uma distribuição de probabilidade inteira.

As hipóteses elaboradas com base na revisão da literatura, com o propósito de responder à questão de pesquisa proposta são as seguintes:

H<sub>1</sub>: há diferença estatisticamente significativa de CONHECIMENTO sobre opções de investimentos entre universitários e bacharéis.

H<sub>2</sub>: há diferença estatisticamente significativa de EXPERIÊNCIA sobre opções de investimentos entre universitários e bacharéis.

H<sub>3</sub>: há diferença estatisticamente significativa de PRÁTICA sobre opções de investimentos entre universitários e bacharéis.

H<sub>4</sub>: há diferença estatisticamente significativa de ARREPENDIMENTO sobre opções de investimentos entre universitários e bacharéis.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, abordam-se os procedimentos metodológicos, mostrando como esta pesquisa será elaborada, quais procedimentos serão adotados, além de descrever: a forma de abordagem; o objetivo; a estratégia; o tempo e a coleta de dados. Apresenta-se, desta forma, os seguintes tópicos: Estratégia da pesquisa, objeto do estudo, coleta de dados, análise e interpretação dos dados.

Metodologia, segundo Creswell e Poth (2016), é a estratégia ou plano de ação que associa os métodos aos resultados obtidos no estudo, ou seja, metodologia é o procedimento que conduz a escolha e o uso de métodos pelos pesquisadores.

#### 3.1 ESTRATÉGIA DE PESQUISA

O delineamento desta pesquisa enquadra-se como quantitativo, quanto à abordagem do problema; descritivo, quanto aos objetivos da pesquisa; de horizonte de tempo transversal e de levantamento ou *survey*, quanto ao procedimento, utilizando-se questionário para a coleta de dados.

Este trabalho é fundamentado numa abordagem de pesquisa quantitativa. Para Creswell (2007), a abordagem quantitativa faz uso primeiro da teoria, para depois desenvolver o raciocínio de causa e efeito. Desta forma faz uso da mensuração e tem como estratégia de investigação realizar os levantamentos e coletas de dados para gerar dados estatísticos.

Para Sampieri, Collado e Lucio (2013), a pesquisa quantitativa representa um conjunto de processos que parte de uma ideia, a qual vai se delimitando e se extraem objetivos e perguntas de pesquisa, se formulam as hipóteses e determinam as variáveis. Os autores complementam que nesta abordagem se mede e analisam as variáveis de um determinado contexto, por meio de métodos estatísticos, e é possível chegar a conclusões em relação às hipóteses.

A decisão pela pesquisa de abordagem quantitativa se deve à necessidade de obtenção de dados numéricos em quantidade significativa para testar estatisticamente as hipóteses formuladas a partir do referencial teórico, que procura compreender o nível de conhecimento dos universitários e bacharéis da área de negócios sobre Educação Financeira e Finanças Pessoais. Neste sentido, Creswell e Poth (2016), explicam que os dados quantitativos coletados podem ser analisados com auxílio de ferramental estatístico para revelar informações úteis, rápidas e confiáveis a respeito de muitas observações.

Quanto ao objetivo da pesquisa, esta caracteriza-se como uma pesquisa descritiva. Sampieri, Collado e Lucio (2013) entendem que se tem uma pesquisa descritiva quando a meta do pesquisador é descrever fenômenos, situações, contextos, eventos, especificar propriedades e características importantes, ou seja, detalhar como são e como se manifestam.

Para Saunders, Lewis e Thornhill (2016), este tipo de pesquisa caracteriza-se por descrever características, opiniões, conhecimentos e hábitos de uma dada população estudada, sejam pessoas, organizações ou cluster de empresas. Mattar (2014) a define como aquele tipo de pesquisa que descreve características de grupos, que estima proporção de elementos numa dada população e/ou que visa verificar a existência de relação estatística entre variáveis mensuradas.

Conforme Barros e Lehfeld (2000), a pesquisa descritiva é indicada quando o pesquisador deseja dimensionar a intensidade de determinada característica, opinião ou comportamento dos pesquisados, analisar estatisticamente a natureza, causa, relação ou efeitos de constructos ou variáveis mensuradas. Neste sentido, busca-se com esta pesquisa compreender o nível de conhecimento sobre educação financeira e finanças pessoais dos universitários e bacharéis na área de negócios

Vergara (2000) corrobora com a mesma ideia e orienta que a pesquisa descritiva expõe as características de determinada população, estabelece correlações entre variáveis e define sua natureza. Nesta abordagem não é gerado compromisso de explicar os fenômenos, mas, descrevê-los.

Para Cooper e Schindler (2011), a pesquisa descritiva tem por objetivo apresentar cenários de observação, classificação, análise, interpretação e descrição de fenômenos de uma determinada população. O pesquisador deve definir o objetivo da pesquisa. Para Castro (1976), a pesquisa descritiva apenas captura e mostra o cenário, expressando, em números, a relação entre as variáveis.

Quanto ao horizonte do tempo, este estudo é classificado como transversal, uma vez que a coleta de dados foi feita em um único momento. Segundo Hair Jr. *et al.* (2005), justifica-se esse corte por retornar dados de um período específico, que poderão ser sintetizados estatisticamente.

Os dados referentes a esta pesquisa foram coletados, por meio de uma pesquisa *Survey*, com base em uma amostra dos Universitários dos cursos de Administração e Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Relações Internacionais, Gestão Comercial, Gestão Financeira, Logística, bacharéis registrados junto ao Conselho Regional de Contabilidade de

Santa Catarina (CRC-SC), Conselho Regional de Economia (CORECON-SC), que responderam ao questionário, e egressos dos cursos de Administração de Empresas.

Para Creswell (2007) utiliza-se da *survey* para coleta de dados de uma amostra razoavelmente grande, considerando a vantagem que apresenta de se obter respostas rápidas. Esse tipo de procedimento envolve a descrição quantitativa ou numérica de tendências, de atitudes ou de opiniões de uma população, estudando uma amostra dessa população.

Martins e Theóphilo (2016) complementam que o levantamento é uma estratégia apropriada para a análise de fatos e descrições, sendo indicado para os casos em que se deseja responder questões acerca da distribuição de uma variável, ou para entender as relações entre variáveis. Nesse sentido, a estratégia desta pesquisa mostra-se adequada como *survey*, ao analisar a percepção dos universitários e bacharéis da área de negócio sobre Educação Financeira e Finanças Pessoais.

### 3.2 OBJETO DO ESTUDO

O objetivo desta pesquisa foi analisar as semelhanças e diferenças de universitários e bacharéis da área de negócios sobre finanças pessoais. Dessa forma, foram selecionadas algumas universidades públicas e privadas, bem como os bacharéis registrados junto ao Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina (CRC-SC), Conselho Regional de Economia (CORECON-SC) e egressos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis.

Para Hair Jr. *et al.* (2005), a partir da observação dos objetivos e do escopo do estudo, define-se a população alvo da pesquisa, identificando-se, assim, quais indivíduos possuem informações relevantes para o projeto. A pesquisa quantitativa é uma pesquisa cujos dados são representados por números, os quais representam a propriedade de algo.

Para Creswell (2007), a pesquisa quantitativa exige uma carga substancial da literatura no início do estudo, visando justificá-lo, dar uma direção sobre o que vai ser pesquisado, para descrever os detalhes da pesquisa. Neste mesmo sentido, Saunders, Lewis e Thornhill (2016) complementam que a pesquisa quantitativa compreende a coleta de dados sobre opiniões, conhecimentos, atitudes, reações ou hábitos em um universo, por meio de amostra estatisticamente representativa.

Já os autores Richardson e Peres (2014) destacam que há impossibilidade de se obter informações de todos os elementos, que formam parte do grupo que se deseja estudar, obrigando o pesquisador a trabalhar parcialmente com os elementos que integram um grupo.

Desta forma, o universo ou a população é definido como um conjunto de elementos que possuem a mesma característica.

### 3.3 COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, far-se-á uso de questionário. No entendimento de Sampieri, Collado e Lucio (2013), o questionário consiste em um conjunto de perguntas a respeito de uma ou mais variáveis, as quais serão mensuradas, sendo o instrumento mais utilizado para coletar os dados.

Para Cooper e Schindler (2016) o questionário é comumente utilizado para coletar dados em pesquisas na área de administração e a sua criação é metade ciência, metade arte. Já Malhotra (2012) complementa que o questionário é um conjunto formal de perguntas cujo objetivo é obter informações do entrevistado.

O questionário é um instrumento composto por um conjunto padrão de perguntas, criadas para coletar dados dos respondentes. Para Hair Jr. *et al.* (2009), o questionário tem respostas, que são frequentemente limitadas a um número exaustivo de possibilidades mutuamente excludentes e predeterminadas. As perguntas são criadas objetivando obter o maior número possível de dados, normalmente em forma de números.

Antes da aplicação definitiva, os questionários foram aplicados a cinco alunos de diferentes cursos, para verificação e eliminação de possíveis falhas e erros, com o intuito de ajustar ou alterar as questões formuladas, antes de sua aplicação em campo.

Após esse procedimento, houve a coleta dos dados primários, por meio de questionário autoadministrado, ou seja, preenchidos pelos próprios respondentes. Os questionários *on line*, foi aplicados por meio da ferramenta Google Forms. Os mesmos foram enviados pelo pesquisador, por meio de correio eletrônico, para lista de endereços da UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina, aos universitários e egressos. Já para as instituições UFSC e UDESC foi enviado carta de apresentação solicitando o envio aos universitários e egressos, juntamente com o formulário do Google Forms. O envio aos Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina (CRC-SC) e Conselho Regional de Economia (CORECON-SC), foi feito mediante envio de carta de apresentação, que explica os objetivos da pesquisa, estimulando a participação e fornecendo orientações necessárias quanto ao preenchimento. O Conselho Regional de Administração de Santa Catarina (CRA-SC) respondeu negativamente a solicitação de envio aos seus profissionais, pelo motivo de não ter Política clara sobre este

tema. A pesquisa foi aplicada no estado de Santa Catarina, de forma *on line*, nos meses de junho e julho de 2023.

Para Santos, Soares e Martins (2021) as pesquisas realizadas sobre Educação Financeira, em sua maioria, usam questionários que variam de 15 a 28 questões. Para esta pesquisa foram utilizados dois questionários. Um direcionado aos universitários, contendo 23 questões, sendo 21 questões fechadas e 2 questões abertas e outro questionário destinado aos bacharéis contendo 23 questões, contendo 21 questões fechadas e 2 questões abertas.

O acesso aos respondentes foi autorizado após consulta e requerimento do pesquisador às Universidades e Conselhos Regionais. O instrumento de coleta de dados, na íntegra, está disposto nos Apêndices A e B desta pesquisa.

O resultado da amostra foi composta por um total de 430 respostas, destas foram excluídas 5 respostas por não aceitarem os termos de consentimento livre e esclarecido. Também foram retiradas da amostra 25 respostas, por não terem experiência em investimentos (questão 14 dos questionários – resposta nula), totalizando uma amostra 400 respostas válida, conforme ilustrado no Tabela 1.

**Tabela 1:** Total da amostra

<b>Instituição</b>	<b>Curso</b>	<b>Universitários</b>	<b>Bacharéis</b>
CORECON – SC	Ciências Econômicas	0	22
CRC – SC	Ciências Contábeis	0	151
UDESC	Administração de Empresas	23	0
	Ciências Contábeis	1	0
	Ciências Econômicas	6	0
UFSC	Administração de Empresas	13	10
	Ciências Contábeis	11	14
	Ciências Econômicas	5	4
	Relações Internacionais	1	0
UNISUL	Administração de Empresas	14	67
	Ciências Contábeis	6	34
	Relações Internacionais	12	0
	Gestão Comercial	3	0
	Gestão Financeira	2	0
	Logística	1	0
<b>Total:</b>		<b>98</b>	<b>302</b>

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

### 3.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Para este trabalho será utilizado a estatística descritiva. A estatística descritiva, segundo Larson e Farber (2010), aborda a organização, o resumo e a representação dos dados. Por meio dessas técnicas é possível descrever e elencar as principais características verificadas em um determinado conjunto de dados, por meio de tabelas, gráficos e medidas-resumo, sem apresentar quaisquer conclusões ou inferências acerca da população.

Estudo realizado por Hosser, Cruz e Quintana (2018), cujo objetivo foi mapear os métodos estatísticos utilizados nos congressos da Anpcont entre os anos de 2007 a 2015, identificou que, na linha de Mercado Financeiro de Créditos e Capitais, a estatística descritiva foi mais utilizada entre os artigos estudados. Já Dallabona, Rodrigues Jr. e Hein (2020), que analisaram os métodos estatísticos dos artigos publicados em congressos da Anpad, concluíram em seu estudo que o método estatístico mais utilizado nos trabalhos aprovados nos anais de congresso da Anpad foi utilizado também a estatística descritiva como técnica quantitativa.

O *software* que foi utilizado para análise dos dados é o Microsoft Excel<sup>®</sup>. Para Levine, Stephan e Szabat (2016), com a utilização do *software* Microsoft Excel<sup>®</sup> é possível aplicar os métodos estatísticos para resolução de problemas complexos. Para Fávero e Belfiore (2017) o Excel oferece uma variedade de estilos, *layouts* e formatação de gráfico e é uma das principais ferramentas utilizadas na estatística e modelagem multivariada em trabalhos e pesquisas na área de Economia, Administração e Contabilidade.

A população-alvo do presente estudo compreende os Universitários dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas das Instituições: UDESC, UFSC e UNISUL, localizadas no estado de Santa Catarina. Dados do departamento de ensino das instituições indicam que, na data de 30 de novembro de 2022, essa população foi composta de aproximadamente 500 estudantes. Também foi mapeado os bacharéis registrados junto ao, Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina (CRC-SC) e Conselho Regional de Economia (CORECON-SC), dados dos conselhos contabilizam aproximadamente 40.000 profissionais.

Os estudantes das instituições de ensino foram aqui selecionados como população do estudo porque trata-se de instituições de ensino com grande quantidade de estudantes, e cujo objetivo estratégico é se relacionar com seus universitários, inclusive contribuindo para a continuidade de sua formação escolar e verificando o impacto da sua formação na vida profissional.

Além disso, trata-se de instituições de ensino de destaque, tanto pela qualidade como relevância de seus cursos. Elas estão entre as melhores instituições de ensino de Santa Catarina, conforme Índice Geral de Cursos (IGC), divulgado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), desde 2018. O tamanho da amostra necessária para inferência dependerá do grau de confiança desejado, da quantidade de dispersão entre outros valores individuais da população e do erro tolerável (BRUNI, 2012).

O tamanho amostral mínimo desejado é 90 participantes universitários e 300 para profissionais já formados, calculado considerando uma margem de erro de 5% e um nível de confiança de 95%, a partir da fórmula proposta por McDaniel e Gates (2003). Assim, a amostra do estudo será não probabilística e por conveniência, e será constituída pelos estudantes que aceitarão voluntariamente participar do estudo.

Com o objetivo de fragmentar as características financeiras dos alunos e bacharéis será analisado os dados coletados por tabelas. Na primeira será analisado o perfil socioeconômico e demográfico: gênero, idade, escolaridade, se já possui graduação, estado civil, cor ou raça e se tem filhos, a quanto tempo exerce função remunerada, o tipo de escola que frequentou a maior parte de seus anos escolares, faixa de renda pessoal e faixa de renda familiar.

Na segunda parte, será ponderado os itens sobre o conhecimento sobre investimentos, quais as opções de investimento são conhecidas, a experiência em investimentos, quais as opções de investimento já foram aplicadas, quais as opções de investimento foram aplicadas recentemente e quais as opções de investimento não serão aplicadas novamente.

Na terceira parte do questionário, será ponderado sobre o perfil do investidor: qual propensão do investidor em relação ao risco, a necessidade de resgate dos investimentos, a finalidade dos investimentos, a frequência dos investimentos, quais as estratégias utilizadas para aprender sobre investimento e quais as dificuldades enfrentadas para aprender sobre investimentos. Esses dados da pesquisa serão expostos nos Apêndices A e B.

Para testar as diferenças sobre Educação Financeira e Finanças Pessoais entre os diferentes grupos da amostra, ou seja, entre os universitários e bacharéis, e foi utilizado o teste de hipóteses: teste estatístico Z, sendo testado a diferença de média e testado a diferença de proporção, entre os universitários e bacharéis. Para Levine, Stephan e Szabat (2016) os testes de hipóteses são bastante utilizados quando se quer fazer inferências em relação a um parâmetro da população, ou até mesmo da distribuição da população, através da análise das diferenças entre os resultados observados e os resultados que se espera obter.

Neste mesmo sentido, Barbetta et al. (2008) definem o testes de hipóteses como sendo a forma de inferência estatística que busca testar hipóteses sobre características, como

parâmetros, forma do modelo; do modelo probabilístico da variável de interesse na população, a partir de dados de uma amostra probabilística desta mesma população.

O Teste Z, no entendimento de Para Levine, Stephan e Szabat (2016), é um teste estatístico tipicamente usado para determinar se a diferença entre a média da amostra e da população é grande o suficiente para ser significativa estatisticamente. Também é utilizado para testar a diferença entre duas médias ou duas proporções, ou seja, o teste busca evidência estatística nas amostras contra a hipótese de igualdade entre médias ou proporções. A estatística do teste Z para testar a igualdade entre duas proporções é dada pela Equação 1, a seguir.

Equação 1 - Estatística do Teste Z

$$Z_{ESTAT} = \frac{(P_1 - P_2) - (\pi_1 - \pi_2)}{\sqrt{\bar{P}(1 - \bar{P}) \left( \frac{1}{n_1} + \frac{1}{n_2} \right)}}$$

Com:

$$\bar{P} = \frac{X_1 + X_2}{n_1 + n_2} \quad P_1 = \frac{X_1}{n_1} \quad P_2 = \frac{X_2}{n_2}$$

Em que:

$P_1$  = proporção de itens de interesse na amostra 1

$X_1$  = número de itens de interesse na amostra 1

$n_1$  = tamanho da amostra para a amostra 1

$\pi_1$  = proporção de itens de interesse na população 1

$P_2$  = proporção de itens de interesse na amostra 2

$X_2$  = número de itens de interesse na amostra 2

$\pi_2$  = tamanho da amostra para a amostra 2

$P_2$  = proporção de itens de interesse na população 2

$\bar{P}$  estimativa agrupada para a proporção de itens de interesse na população

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentar-se a análise dos dados deste estudo, bem como a discussão dos resultados encontrados. Para essa apresentação, dividiu-se o capítulo em duas seções: a caracterização da amostra e análise e discussão dos resultados. Foi adotado neste trabalho a nomenclatura “investimento” para todos os produtos financeiros oferecidos por bancos e corretoras, embora poupança possa ser classificada como uma conta bancária.

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A amostra foi caracterizada de acordo com os itens do questionário original e buscou-se identificar: 1) perfil socioeconômico e demográfico, 2) conhecimento sobre investimentos e 3) perfil do investidor. Na parte 1) perfil socioeconômico e demográfico, foi caracterizada de forma a trazer os dados sobre a população em questão. Dessa forma, os respondentes foram questionados quanto ao curso, gênero, idade, escolaridade, se já possui graduação, estado civil, cor ou raça, se tem filhos, a quanto tempo exerce função remunerada, o tipo de escola que frequentou a maior parte de seus anos escolares, faixa de renda pessoal e faixa de renda familiar.

A Tabela 4 evidencia os dados socioeconômicos e demográficos dos respondentes, sendo que 51% dos universitários cursam Administração de Empresas e 65,9% dos bacharéis são formados em Ciências Contábeis. Já em relação ao sexo, houve um equilíbrio entre os respondentes, sendo 52,3% do sexo masculino e 46,8% do sexo feminino, destes 50% dos universitários do sexo feminino e 46,9% do sexo masculino. O resultado dos bacharéis foi de 54% sexo masculino e 45,7% do sexo feminino.

Observa-se que o percentual de respondentes do sexo masculino e do sexo feminino, que afirmaram ter conhecimento ou já terem investido, está equilibrado na amostra. Para Lusardi e Mitchell (2013), o mercado financeiro tem se tornado cada vez mais acessível aos pequenos investidores, a medida que os novos produtos financeiros se expandem, estão se tornando mais difundidos e as mudanças no cenário previdenciário aumenta cada vez mais a necessidade de poupança e investimento para trabalhadores. Neste sentido, verifica-se que o número de mulheres investidoras vem aumentando nos últimos 10 anos (B3, 2023), conforme demonstrado na Tabela 2.

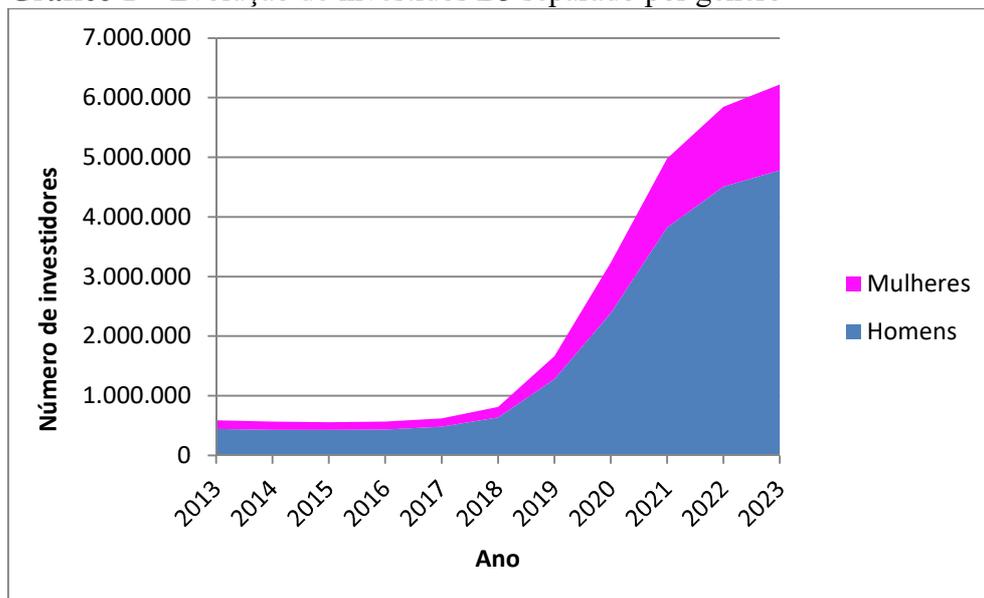
**Tabela 2 - Evolução de investidos B3 separado por gênero**

Ano	Homens		Mulheres		Total
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>
2013	440.727	74,8%	148.548	25,2%	589.275
2014	426.650	75,6%	137.912	24,4%	564.562
2015	424.977	76,2%	132.545	23,8%	557.522
2016	434.142	76,9%	130.387	23,1%	564.529
2017	478.408	77,1%	141.905	22,9%	620.313
2018	634.413	77,9%	179.561	22,1%	813.974
2019	1.277.604	76,7%	388.724	23,3%	1.666.328
2020	2.385.136	73,8%	848.591	26,2%	3.233.727
2021	3.822.139	76,8%	1.154.014	23,2%	4.976.153
2022	4.505.153	77,1%	1.342.010	23,0%	5.847.163
2023	4.778.109	76,8%	1.441.668	23,2%	6.219.777

Fonte: adaptado B3 (2023)

Segundo relatório emitido pela ANBIMA a proporção de investidores é maior entre os homens (40%), mas o percentual entre as mulheres vem crescendo nos últimos anos. Sendo que 33% das mulheres declararam ter feito algum tipo investimento em 2022, um aumento 5 pontos percentuais acima do apurado em 2021 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS, 2022).

Em 2013 o número de mulheres na Bolsa Brasileira era de 148.548 e em Agosto/2023 este número aumentou para 1.441.668, um aumento de 971% (B3, 2023). No Gráfico 1, a seguir, é evidenciado a evolução de investidores B3, separados por gênero:

**Gráfico 1 – Evolução de investidos B3 separado por gênero**

Fonte: adaptado de B3 (2023)

Pesquisa realizada por Fernandes (2020), com o objetivo de analisar o perfil e comportamento de investidores da bolsa de valores no Brasil, constatou que houve um crescimento exponencial de mulheres jovens, de até 35 anos de idade que investindo na Bolsa, além de haver um volume expressivo de recursos.

O principal meio para fazer uma aplicação financeira, preferido pelas mulheres, segundo a ANBIMA, foi por meio eletrônico (aplicativo banco, site do banco, aplicativo da corretora, site da corretora ou telefone banco) tendo um percentual de 55%, enquanto 40% do pelo modo tradicional, pessoalmente no banco (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS, 2022).

Os dados apurados na presente pesquisa, apontam que o maior número de investidores está concentrado na faixa de idade dos *Millennials* (26-40 anos), com o percentual de 40%. Já nos universitários a predominância está na da geração Z, pessoas de 16 a 25 anos, com 74,5%; enquanto nos bacharéis a maior percentual está na geração *Millennials*, pessoas de 26 à 40 anos, com 46%. A média de idade dos universitários é de 24 anos, o desvio padrão é de 8, mediana de 21, idade máxima de 63 e a idade mínima de 18 anos. A média de idade dos bacharéis ficou em de 39 anos, o desvio padrão de 12, mediana de 37, idade máxima de 78 e a mínima de 19 anos.

O estudo realizado pela ANBIMA, identificou que 33% dos investidores brasileiros são da Geração X (41-60 anos). Esta geração é formada por pessoas que estão hoje no auge de sua vida profissional e formam grande parte da população economicamente ativa no país. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS, 2022).

O maior número de investidores na bolsa brasileira, está concentrado na faixa de idade de 26 a 35 anos, com 33,1% e a maior quantidade dos valores investidos está na faixa etária de pessoas acima de 66 anos, com 33,6% (B3, 2023), conforme demonstrado na Tabela 3.

**Tabela 3** - Perfil Pessoa Física por faixa etária

Perfil por faixa etária	Contas (em milhares)			%	Valor (R\$ bilhões)			%
	Homens	Mulheres	Total		Homens	Mulheres	Total	
Até 25 anos	662	136	798	12,8	3,82	1,52	5,34	1,0
De 26 a 35 anos	1.605	455	2.060	<b>33,1</b>	29,16	8,24	37,4	7,2
De 36 a 45 anos	1.397	417	1.813	29,2	74,9	18,13	93,03	18,0
De 46 a 55 anos	596	198	794	12,8	79,02	19,45	98,47	19,0
De 56 a 65 anos	307	135	442	7,1	81,61	27,93	109,5	21,2
Maior de 66 anos	211	102	313	5,0	134,57	39,32	173,9	<b>33,6</b>
Total	4.778	1.442	6.220	100	403,08	114,59	517,7	100

Fonte: adaptado de B3 (2023)

Para Modigliani (1986) a hipótese do ciclo de vida gira em torno da capacidade dos indivíduos de planejar o seu consumo com uma visão do ciclo de vida e alocar os seus recursos financeiros desta forma, seguindo padrões de poupança e riqueza ao longo do ciclo de vida. A teoria incorpora uma dimensão sociológica ao reconhecer que os gastos com consumo podem variar de acordo com os estágios da vida.

Para Massaro (2020) a teoria do ciclo de vida proposto por Modigliani não foi formulada para explicar formação de patrimônio, e sim para tentar explicar padrões de consumo das pessoas, conforme as diferentes fases da vida e, também, como efeito secundário, tentar correlacionar o perfil demográfico médio de uma população com o nível de poupança nacional. O ciclo de vida financeira é uma representação de como é o processo de formação de patrimônio de uma pessoa típica, e é uma das ferramentas básicas do mundo das finanças pessoais.

Em estudo realizado por Fonseca (2021), sobre Finanças comportamentais e perfis de investimentos, com base em suas análises, foi possível concluir que a idade é um fator que determina o posicionamento de alguns investidores e os indivíduos tomam decisões baseadas em seu ciclo de vida.

Neste sentido, Massaro (2020), explica que as pessoas têm um padrão de consumo que vai se elevando ao longo do tempo, porém de forma suave e linear, sem grandes saltos. Esse padrão de consumo, bem como sua elevação progressiva, é algo planejada, onde a pessoa já conta com sua renda futura. Já a renda não evolui de forma linear, e sim formando uma curva parabólica que cruza com a curva de consumo em dois pontos: na juventude e em idade mais avançada. A curva de renda dos indivíduos vai aumentando progressivamente, uma vez que no início de suas carreiras a renda é pouco e na medida em que irão evoluindo profissionalmente, conseqüentemente, a renda aumenta. Quando o indivíduo vai chegando perto da aposentadoria, essa renda diminui, apontando a curva para baixo.

Em relação ao maior nível de escolaridade, 25,5% dos universitários já possuem curso superior e 59,9% dos bacharéis possuem pós- graduação. Sendo que 18,2% dos respondentes não possuem graduação e 81,8% possuem curso superior.

Observa-se que a amostra é composta por indivíduos que são economicamente ativos e com nível universitário, ou seja, que estão estudando ou que já concluíram algum curso de graduação na área de negócio, e que já possuem conhecimento sobre finanças e investimentos. Para os autores Andrade e Lucena (2018) realizaram estudos com objetivo verificar a relação entre o nível de educação financeira de diferentes grupos acadêmicos com as características individuais e o comportamento financeiro desses alunos. Na pesquisa foi constatado que as

pessoas com maior nível de educação financeira são mais propensas a ter maior disponibilidade de renda, menor endividamento, possuem a maior direcionamento a poupança e preparação à aposentadoria.

Neste mesmo sentido, Andrade e Lucena (2018), complementam que os fatores como graduação são estatisticamente significativos em relação ao conhecimento financeiro dos alunos e concluíram que alunos de cursos que possuem disciplinas como economia e finanças apresentam conhecimento financeiro superior em relação aos demais alunos.

Quanto ao estado civil, 82,7% dos universitários são solteiros e 64,9% dos bacharéis são casados. Também foi questionado quanto a cor ou raça dos respondentes, seguindo os critérios do IBGE, identificou-se que a predominância das respostas foi da cor branca, com 85,3% da amostra, sendo 74,5% dos universitários e 88,7% dos bacharéis.

Também foi questionado quanto a cor ou raça dos respondentes, seguindo os critérios do IBGE, identificou-se que 85,3% dos respondentes se declararam brancos, 7,8% pardos e 4,5% pretos. Sendo que 74,5% universitários e 88,% dos universitários se declaram brancos. Esses dados estão destoantes dos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) 2022 do IBGE, onde 45,3% dos brasileiros se declararam pardos, 42,8% brancos e 10,6% pretos (IBGE, 2023).

Quando questionados sobre o tipo de instituição da formação educacional pregressa, 76% dos respondentes afirmaram que a predominância de sua educação foi em instituição pública. Sendo 51% dos universitários e 84,1% dos bacharéis. Observa-se que os bacharéis, em sua grande maioria 59,9% estudaram predominantemente instituições públicas.

Perguntou-se também sobre a quantidade de dependentes financeiramente, sendo que 53% declaram que possuem dependentes e 47% não possuem dependente. Sendo que 80,6% dos universitários responderam que não possuem dependentes e 56% dos bacharéis responderam que possuem um ou mais dependentes.

No que tange ao exercício de atividade remunerada, 78,6% dos universitários e 99% dos bacharéis responderam que exercem atividade remunerada. Perguntou-se também sobre a faixa de renda pessoal; para esta questão foi considerando os critérios de divisão das classes sociais do IBGE; pode-se considerar que a maioria dos respondentes, com 79,3%, recebem até 9 salários mínimos, ou seja, até R\$ 11.880,00. Verificou-se que 76,5% dos universitários tem renda pessoal de até R\$ 3.960,00 (até 3 salários mínimos), enquanto 39,1% dos bacharéis tem uma renda pessoal de R\$ 3.960,01 a R\$ 7.920,00 (de 3 a 6 salários mínimos).

Neste sentido, observa-se que os profissionais possuem renda individual superior aos universitários. Sendo que 39,1% dos bacharéis, que já estão exercendo atividades em sua área

de formação, tem uma renda pessoal na faixa de R\$ 3.960,01 a R\$ 7.920,00 (de 3 a 6 salários mínimos), enquanto 76,5% dos universitários, que estão no início de suas carreiras profissionais, possuem renda pessoal de até R\$ 3.960,00 (até 3 salários mínimos).

Quando questionados sobre a faixa de renda familiar; para esta questão foi considerando os critérios de divisão das classes sociais do IBGE; a predominância das respostas ficou na faixa de R\$ 3.960,01 a R\$ 7.920,00 (de 3 a 6 salários mínimos), com 26,5%. Sendo 28,6% dos universitários e 25,8% dos bacharéis responderam estar nesta faixa de renda familiar.

Quando analisado o perfil daqueles que se declararam investidores, a ANBIMA identificou que o maior número está concentrado nas classes A/B, com 38%, com renda familiar média mensal de R\$6.067,00 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS, 2022).

**Tabela 4** - Frequência absoluta e relativa do perfil socioeconômico e demográfico

	Universitários		Bacharéis		Total	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Curso						
Administração de Empresas	50	<b><u>51,0%</u></b>	78	25,8%	128	32,0%
Ciências Contábeis	18	18,4%	199	<b><u>65,9%</u></b>	217	<b><u>54,3%</u></b>
Ciências Econômicas	11	11,2%	25	8,3%	36	9,0%
Gestão Comercial	3	3,1%	0	0,0%	3	0,8%
Gestão Financeira	2	2,0%	0	0,0%	2	0,5%
Logística	1	1,0%	0	0,0%	1	0,3%
Relações Internacionais	13	13,3%	0	0,0%	13	3,3%
Sexo						
Feminino	49	<b><u>50,0%</u></b>	138	45,7%	187	46,8%
Masculino	46	46,9%	163	<b><u>54,0%</u></b>	209	<b><u>52,3%</u></b>
Prefiro não responder	3	3,1%	1	0,3%	4	1,0%
Idade						
Geração Z (16-25 anos)	73	<b><u>74,5%</u></b>	43	14,2%	116	29,0%
<i>Millennials</i> (26-40 anos)	21	21,4%	139	<b><u>46,0%</u></b>	160	<b><u>40,0%</u></b>
Geração X (41-60 anos)	3	3,1%	105	34,8%	108	27,0%
<i>Boomers</i> (61-75 anos)	1	1,0%	13	4,3%	14	3,5%
76 + anos	0	0,0%	2	0,7%	2	0,5%
Maior nível de escolaridade						
Ensino Médio	73	<b><u>74,5%</u></b>	0	0,0%	73	18,2%
Ensino Superior (Tecnólogo/Bacharelado/Licenciatura)	13	13,3%	121	40,1%	134	33,5%
Especialização/MBA	5	5,1%	144	<b><u>47,7%</u></b>	149	<b><u>37,3%</u></b>
Mestrado	6	6,1%	29	9,6%	35	8,8%

Doutorado	1	1,0%	8	2,6%	9	2,3%
Se já concluiu alguma graduação						
Não	73	74,5%	0	0,0%	73	18,2%
Sim	25	25,5%	302	100,0%	327	<b>81,8%</b>
Estado Civil						
Solteiro	81	<b>82,7%</b>	89	29,5%	170	42,5%
Casado	16	16,3%	196	<b>64,9%</b>	212	<b>53,0%</b>
Separado	1	1,0%	16	5,3%	17	4,3%
Viúvo	0	0,0%	1	0,3%	1	0,3%
Cor ou Raça						
Branca	73	<b>74,5%</b>	268	<b>88,7%</b>	341	<b>85,3%</b>
Parda	13	13,3%	18	6,0%	31	7,8%
Preta	9	9,2%	9	3,0%	18	4,5%
Amarela	1	1,0%	0	0,0%	1	0,3%
Indígena	0	0,0%	1	0,3%	1	0,3%
Prefiro não responder	2	2,0%	6	2,0%	8	2,0%
Tipo de instituição da formação educacional						
progressa						
Sempre em instituição pública	25	<b>25,5%</b>	93	<b>30,8%</b>	118	<b>29,5%</b>
Predominantemente em instituição pública	14	14,3%	88	<b>29,1%</b>	102	<b>25,5%</b>
Metade em instituição pública e metade em instituição privada	11	11,2%	73	<b>24,2%</b>	84	<b>21,0%</b>
Predominantemente em instituição privada	20	20,4%	29	9,6%	49	12,3%
Sempre em instituição privada	27	<b>27,6%</b>	19	6,3%	46	11,5%
Prefiro não responder	1	1,0%	0	0,0%	1	0,3%
Quantidade de dependentes financeiramente						
Não	79	<b>80,6%</b>	133	44,0%	212	<b>53,0%</b>
Sim	19	19,4%	169	<b>56,0%</b>	188	47,0%
Exercício de atividade remunerada						
Não	21	21,4%	3	1,0%	24	6,0%
Sim	77	78,6%	299	99,0%	376	<b>94,0%</b>
Faixa de renda pessoal						
Até R\$ 3.960,00 (até 3 salários mínimos)	75	<b>76,5%</b>	63	20,9%	138	<b>34,5%</b>
De R\$ 3.960,01 a R\$ 7.920,00 (de 3 a 6 salários mínimos)	0	0,0%	118	<b>39,1%</b>	118	29,5%
De R\$ 7.920,01 a R\$ 11.880,00 (de 6 a 9 salários mínimos)	0	0,0%	61	20,2%	61	15,3%
De R\$ 11.880,01 a R\$17.160,00 (de 9 a 12 salários mínimos)	14	14,3%	21	7,0%	35	8,8%
De R\$17.160,01 a R\$ 19.800,00 (de 12 a 15 salários mínimos)	0	0,0%	8	2,6%	8	2,0%
De R\$ 19.800,01 a R\$ 23.760,00 (de 15 a 18 salários mínimos)	0	0,0%	5	1,7%	5	1,3%
Acima de R\$ 23.760,01(acima de 18 salários mínimos)	0	0,0%	16	5,3%	16	4,0%
Prefiro não responder	9	9,2%	10	3,3%	19	4,8%

Faixa de renda familiar						
Até R\$ 3.960,00 (até 3 salários mínimos)	16	16,3%	15	5,0%	31	7,8%
De R\$ 3.960,01 a R\$ 7.920,00 (de 3 a 6 salários mínimos)	28	<b><u>28,6%</u></b>	78	25,8%	106	<b><u>26,5%</u></b>
De R\$ 7.920,01 a R\$ 11.880,00 (de 6 a 9 salários mínimos)	18	18,4%	74	24,5%	92	23,0%
De R\$ 11.880,01 a R\$17.160,00 (de 9 a 12 salários mínimos)	7	7,1%	64	21,2%	71	17,8%
De R\$17.160,01 a R\$ 19.800,00 (de 12 a 15 salários mínimos)	7	7,1%	12	4,0%	19	4,8%
De R\$ 19.800,01 a R\$ 23.760,00 (de 15 a 18 salários mínimos)	3	3,1%	15	5,0%	18	4,5%
Acima de R\$ 23.760,01(acima de 18 salários mínimos)	9	9,2%	32	10,6%	41	10,3%
Prefiro não responder	10	10,2%	12	4,0%	22	5,5%

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

## 4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na parte 2) conhecimento sobre investimentos, foi caracterizada de forma a trazer os dados sobre o conhecimento dos respondentes sobre os produtos financeiros. Dessa maneira, os respondentes foram questionados sobre as opções de investimentos que são conhecidas, a experiência em investimentos, quais as opções de investimento já foram aplicadas, quais as opções de investimento foram aplicadas recentemente e quais as opções de investimento não serão aplicados novamente.

Os investimentos mais conhecidos entre os entrevistados estão evidenciado na Tabela 6, sendo os mais conhecidos a Poupança, Ações, Ouro, Previdência Privada, CDB - Certificado de Depósito Bancário e Títulos Públicos (Tesouro direto). A poupança foi o investimento mais conhecido, com 96,8% das respostas, sendo mencionado por 94,9% dos universitários e 97,4% dos bacharéis. As ações foi o segundo investimento mais conhecido, com 83,5% das respostas, sendo mencionado por 88,8% dos universitários e 81,8% dos bacharéis. Já o terceiro investimento mais assinalado foi o ouro, com 77,8%, sendo conhecido por 83,7% dos universitários e 75,8% dos bacharéis. No quarto lugar ficou a previdência privada, com 76,3%, sendo mencionado por 75,5% dos universitários e 76,5% dos bacharéis. No quinto lugar ficou o CDB - Certificado de Depósito Bancário, com 73,3%, sendo 69,4% dos universitários e 74,5% dos bacharéis. No sexto lugar o investimento mais mencionado foi os Títulos Públicos (Tesouro direto), com 72,8%, sendo 77,6% dos universitários e 71,2% bacharéis.

Pesquisa realizada no ano de 2011 por Vieira, Bataglia e Sereia (2011), sobre educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: Uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná, concluiu que as pessoas geralmente, não se planejam no que tange o a investimentos a longo prazo, implicando da não existência do hábito de poupar.

Em estudo realizado por Ferreira e Castro (2020), com o intuito de identificar o nível de conhecimentos dos alunos de uma Instituição de Ensino Superior em relação a finanças e investimentos, identificou que alunos dos cursos voltados a área de negócio, como Administração e Ciência Contábeis, se consideram razoavelmente seguros em relação ao tema investimento. Já os universitários da área de humanas, se sentem inseguros em relação a investir e gerir seus recursos. A conclusão foi que a grade curricular de cursos que possuem disciplinas como matemática financeira, contabilidade e economia que proporcionam uma maior confiança ao lidar com finanças e investimentos.

Segundo pesquisa realizado pela ANBIMA, com investidores brasileiros no ano de 2022, mostra que todos os tipos de investimentos tiveram aumento em seus índices em 2022, na comparação com 2021, em relação ao conhecimento sobre produtos financeiros. No levantamento, a população é questionada espontaneamente se conhece algum investimento e a poupança segue como o produto financeiro mais familiar, com aumento de 11% em 2021 para 20% em 2022, seguida pelas ações na bolsa de valores, que de registrou 13% em 2022, um aumento de 3 pontos percentuais em relação ao ano anterior (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS, 2022).

Em pesquisa realizada pela B3, identificou-se que o produto mais conhecido pelo investidor são as ações com 88%, seguida pela Poupança com 83% e o Tesouro Direto e os Fundos Imobiliários, com percentual de 82% (B3, 2020), conforme demonstrado na Tabela 5 a seguir:

**Tabela 5 - Investimento conhecidos pelos investidores da B3**

<b>Investimentos que são conhecidos</b>	<b>Percentual</b>
Poupança	83%
Tesouro Direto	82%
Fundos de Investimento (DI, Renda Fixa, Multimercado, Ações)	61%
Fundos Imobiliários – FII	74%
Fundos de Investimento exclusivos	12%
Previdência Privada	48%
Moeda estrangeira	26%

CDB	68%
CRI / CRA	23%
LCI / LCA / LF	52%
COE	11%
Ações	88%
Debêntures	27%
Mercado Futuro (commodities, moedas)	24%
Criptomoedas / Bitcoin	34%
ETF (Exchange Trade Funds)	29%
Investimento em imóveis	33%
Negócios / startups	4%
Outros	2%

Fonte: adaptado B3 (2020).

Por meio da aplicação da estatística de teste Z mostrada na Equação 1, apresentada anteriormente, encontrou-se que há diferença estatisticamente significativa ( $p$ -valor  $< 0,05$ ) de conhecimento entre universitários e bacharéis sobre Título de Capitalização, Dólar, Cripto Moedas e os ETFs - Exchange Traded Funds.

O título de capitalização foi mencionado na pesquisa por 46,9% dos universitários enquanto nos bacharéis a frequência relativa ficou em 73,2%. Observa-se, desta forma, que este investimento é mais conhecido dos bacharéis do que para os universitários ( $p$ -valor  $< 0,05$ ).

Já o dólar foi mencionado por 75,5% dos universitários e nos bacharéis o percentual ficou em 57,4%. Verifica-se que este investimento é mais conhecido para os universitários do que para os bacharéis. Nos investimentos em Cripto Moedas e os ETFs - *Exchange Traded Funds* também são mais conhecidos para os universitários do que para os bacharéis. Sendo que 76,5% dos universitários responderam conhecer sobre Cripto Moedas, enquanto os bacharéis 52,3%. Para os ETFs - *Exchange Traded Funds*, 32,7% dos universitários responderam conhecer, enquanto os bacharéis 19,9% ( $p$ -valor  $< 0,05$ ).

O Brasil chegou a mais de 4 milhões de investidores em criptomoedas, no ano de 2023, segundo o portal de notícias Uol. É o maior número calculado pela Receita Federal desde que passou a receber declarações de ativos digitais e corretoras com sede no país. O retorno atrativo e a recuperação do bitcoin no começo do ano impulsionaram o crescimento e interesse por esse tipo de investimento. No mês de Julho/2023, foram negociados R\$ 18,86 bilhões em criptomoedas no total. Desde o começo do ano, já foram negociados R\$ 128,87 bilhões. Esse número inclui as negociações feitas por pessoas físicas e jurídicas (UOL, 2023).

**Tabela 6** - Frequência absoluta e relativa opções de investimento conhecidos

	Universitários		Bacharéis		Total		Z
	n	%	n	%	n	%	
Quais dessas opções de investimento você CONHECE							
Poupança	93	<b><u>94,9%</u></b>	294	<b><u>97,4%</u></b>	387	<b><u>96,8%</u></b>	-1,19
Título de Capitalização	46	46,9%	221	73,2%	267	66,8%	<b><u>-4,79</u></b>
Títulos Públicos (Tesouro direto)	76	<b><u>77,6%</u></b>	215	71,2%	291	<b><u>72,8%</u></b>	1,23
FIRF - Fundo de Investimento em Renda Fixa	53	54,1%	164	54,3%	217	54,3%	-0,04
FII - Fundo de Investimento Imobiliário	67	68,4%	173	57,3%	240	60,0%	1,95
FIA - Fundo de Investimento em Ações	58	59,2%	146	48,3%	204	51,0%	1,87
FIM - Fundo de Investimento Multimercado	29	29,6%	96	31,8%	125	31,3%	-0,41
Previdência Privada	74	<b><u>75,5%</u></b>	231	<b><u>76,5%</u></b>	305	<b><u>76,3%</u></b>	-0,20
Ouro	82	<b><u>83,7%</u></b>	229	<b><u>75,8%</u></b>	311	<b><u>77,8%</u></b>	1,62
Dólar	74	<b><u>75,5%</u></b>	173	57,3%	247	61,8%	<b><u>3,23</u></b>
CDB - Certificado de Depósito Bancário	68	69,4%	225	74,5%	293	<b><u>73,3%</u></b>	-0,99
CRA - Certificado de Crédito Agronegócio	33	33,7%	106	35,1%	139	34,8%	-0,26
CRI - Certificado de Crédito Imobiliário	41	41,8%	115	38,1%	156	39,0%	0,66
LCA - Letra de Crédito Agronegócio	41	41,8%	151	50,0%	192	48,0%	-1,41
LCI - Letra de Crédito Imobiliário	45	45,9%	157	52,0%	202	50,5%	-1,04
COE - Certificado de Operações estruturadas	18	18,4%	40	13,2%	58	14,5%	1,25
Ações	87	<b><u>88,8%</u></b>	247	<b><u>81,8%</u></b>	334	<b><u>83,5%</u></b>	1,62
Debêntures	40	40,8%	113	37,4%	153	38,3%	0,60
Derivativos	18	18,4%	65	21,5%	83	20,8%	-0,67
Cripto Moedas	75	76,5%	158	52,3%	233	58,3%	<b><u>4,22</u></b>
ADRs - American Depositary Receipt	17	17,3%	46	15,2%	63	15,8%	0,50
ETFs - Exchange Traded Funds	32	32,7%	60	19,9%	92	23,0%	<b><u>2,61</u></b>

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Os investimentos que já foram investidos estão evidenciados na Tabela 7, sendo a Poupança, CDB - Certificado de Depósito Bancário, Ações, Ouro e Títulos Públicos (Tesouro direto). A Poupança foi o investimento mais investido pelos respondentes, com 91,3%, sendo mencionado na pesquisa por 81,6% dos universitários e 94,4% dos bacharéis. O CDB - Certificado de Depósito Bancário foi o segundo investimento mais investido, com 55% das respostas, sendo mencionado por 48% dos universitários e 57,3% dos bacharéis. O terceiro investimento mais assinalado foi as Ações, com 49,8%, sendo investido por 45,9% dos universitários e 51% dos bacharéis. No quarto lugar ficou o Ouro, com 44,8%, sendo mencionado por 48% dos universitários e 43,7% dos bacharéis. No quinto lugar ficou o

Títulos Públicos (Tesouro direto), com 42,3%, sendo 43,9% dos universitários e 41,7% dos bacharéis.

Para Assaf Neto (2007) o investimento na poupança é um investimento conservador e de baixa remuneração, quando comparado com outros investimentos. As regras são definidas pelo Banco Central do Brasil (BACEN) e ela tem como vantagem a isenção do imposto de renda e a segurança oferecida pelo governo.

Estudo realizado por Nunes (2018) identificou o perfil de investidor dos estudantes de Ciências Contábeis da Universidade de Caxias do Sul. No estudo constatou-se que a poupança é o investimento preferido entre os universitários, sendo que 54% da amostra afirmaram ter seu dinheiro aplicado neste investimento.

Segundo a ANBIMA, 26% dos brasileiros utilizam a caderneta de poupança para aplicar seus recursos, um percentual que alcança larga vantagem sobre os demais tipos de investimentos (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS, 2022).

A CVM identificou que por medo ou receio de agirem contra o que faz a maioria, muitos investidores escolhem a caderneta de poupança. Além disto, também pode atuar sobre estas pessoas o chamado “viés do status quo” que pode provocar inércia e passividade, de maneira que muitos se prendem a escolhas tradicionais e pouco eficazes, ao invés de se informarem e buscarem melhores soluções de investimento (CVM, 2018).

Relatório emitido pela B3, no primeiro trimestre de 2023, evidencia os números negociados pelos investidores pessoa física na bolsa brasileira. Neste relatório consta os valores movimentados no Registro de Valores Mobiliários, onde demonstra o somatório investido em CDB, RDB, LCI e LCA. Nesta linha de investimento houve um aumento de 28% em 2023, comparado com o mesmo período do ano de 2022. As ações também tiveram uma aumento de 12% no primeiro trimestre de 2023, em relação mesmo período de 2022. (BRASIL BOLSA BALCÃO, 2023).

A Poupança, Título de Capitalização, FIM - Fundo de Investimento Multimercado, Previdência Privada, CRA - Certificado de Crédito Agronegócio, CRI - Certificado de Crédito Imobiliário, LCA - Letra de Crédito Agronegócio e LCI - Letra de Crédito Imobiliário, foram os investimentos já investidos que tiveram a maior diferença entre os universitários e bacharéis.

Por meio da aplicação da estatística de teste Z, encontrou-se que há diferença estatisticamente significativa ( $p$ -valor  $< 0,05$ ) de experiência entre universitários e bacharéis sobre a Poupança, Título de Capitalização, O FIM - Fundo de Investimento Multimercado, A

Previdência Privada, O CRA - Certificado de Crédito Agronegócio, CRI - Certificado de Crédito Imobiliário, LCA - Letra de Crédito Agronegócio e LCI - Letra de Crédito Imobiliário.

A Poupança foi mencionada na pesquisa por 81,6% dos universitários e 94,4% dos bacharéis. Já o Título de Capitalização teve um percentual de 14,3% dos universitários e 47% dos bacharéis. O FIM - Fundo de Investimento Multimercado, resultou uma frequência relativa de 5,1% dos universitários e 12,9% dos bacharéis. A Previdência Privada teve uma frequência relativa de 13,3% dos universitários e 37,1% dos bacharéis. O CRA - Certificado de Crédito Agronegócio, resultou numa frequência relativa de 2,0% dos universitários e 8,3% dos bacharéis. Já o CRI - Certificado de Crédito Imobiliário resultou em uma frequência relativa de 9,3% dos universitários e 20,2% dos bacharéis. Logo o LCA - Letra de Crédito Agronegócio, resultou num percentual de 7,1% dos universitários e 20,2% dos bacharéis e o LCI - Letra de Crédito Imobiliário, tendo um percentual de 12,2% dos universitários e 22,5% dos bacharéis. Observa-se, desta forma, que os bacharéis possuem mais experiência em investimentos dos universitários (p-valor < 0,05).

Para Massaro (2020), a fase inicial da vida economicamente ativa se inicia quando a curva do consumo está acima da curva da renda, neste fase seria de maior endividamento – a pessoa se endividaria para poder manter o padrão de vida. Conforme o indivíduo evolui profissionalmente, a renda cruza a curva do consumo e fica acima dela. Nesta fase, a pessoa passa a poupar dinheiro, formando um patrimônio para o futuro. Na última etapa, que é quando a linha da renda cruza a linha de consumo para baixo, a pessoa pararia de trabalhar, ou teria uma renda profissional residual, e financiaria seu consumo com o patrimônio acumulado.

**Tabela 7** - Frequência absoluta e relativa das opções de investimento já investidos

	Universitários		Bacharéis		Total		Z
	n	%	n	%	n	%	
<b>Opções de investimento que já foram INVESTIDOS</b>							
Poupança	80	<b>81,6%</b>	285	<b>94,4%</b>	365	<b>91,3%</b>	<b>-3,88</b>
Título de Capitalização	14	14,3%	142	<b>47,0%</b>	156	39,0%	<b>-5,77</b>
Títulos Públicos (Tesouro direto)	43	<b>43,9%</b>	126	<b>41,7%</b>	169	<b>42,3%</b>	0,38
FIRF - Fundo de Investimento em Renda Fixa	21	21,4%	80	26,5%	101	25,3%	-1,00
FII - Fundo de Investimento Imobiliário	24	24,5%	88	29,1%	112	28,0%	-0,89
FIA - Fundo de Investimento em Ações	12	12,2%	59	19,5%	71	17,8%	-1,64
FIM - Fundo de Investimento Multimercado	5	5,1%	39	12,9%	44	11,0%	<b>-2,15</b>

Previdência Privada	13	13,3%	112	37,1%	125	31,3%	<b>-4,42</b>
Ouro	47	<b>48,0%</b>	132	<b>43,7%</b>	179	<b>44,8%</b>	0,74
Dólar	25	25,5%	67	22,2%	92	23,0%	0,68
CDB - Certificado de Depósito Bancário	47	<b>48,0%</b>	173	<b>57,3%</b>	220	<b>55,0%</b>	-1,61
CRA - Certificado de Crédito Agronegócio	2	2,0%	25	8,3%	27	6,8%	<b>-2,14</b>
CRI - Certificado de Crédito Imobiliário	2	2,0%	28	9,3%	30	7,5%	<b>-2,36</b>
LCA - Letra de Crédito Agronegócio	7	7,1%	61	20,2%	68	17,0%	<b>-2,99</b>
LCI - Letra de Crédito Imobiliário	12	12,2%	68	22,5%	80	20,0%	<b>-2,21</b>
COE - Certificado de Operações estruturadas	1	1,0%	7	2,3%	8	2,0%	-0,80
Ações	45	<b>45,9%</b>	154	<b>51,0%</b>	199	<b>49,8%</b>	-0,87
Debêntures	2	2,0%	12	4,0%	14	3,5%	-0,90
Derivativos	5	5,1%	11	3,6%	16	4,0%	0,64
Cripto Moedas	28	28,6%	67	22,2%	95	23,8%	1,29
ADRs - American Depositary Receipt	4	4,1%	14	4,6%	18	4,5%	-0,23
ETFs - Exchange Traded Funds	9	9,2%	31	10,3%	40	10,0%	-0,31

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Os investimentos realizados recentemente (últimos 12 meses) estão demonstrados na Tabela 9, sendo que o investimento com maior percentual foi a Poupança, com 48,0% sendo respondido por 37,8% dos universitários e 51,3% dos bacharéis. O segundo investimento com maior percentual foi o CDB - Certificado de Depósito Bancário, com 39,8%, sendo respondido por 35,7% dos universitários e 41,1% dos bacharéis. Em terceiro lugar ficou as Ações, com 35,0%, tendo uma frequência relativa de 34,7% dos universitários e 35,1% dos bacharéis. Em quarto lugar ficou o Ouro, com 26,8%, respondido por 30,6% e universitários e 25,5% dos bacharéis. O quinto investimento ficou com os Títulos Públicos (Tesouro direto), com 25,3%, mencionado por 27,6% dos universitários e 24,5% dos bacharéis.

Pesquisa realizada pela CVM no ano de 2021, identificou que as respostas sobre os investimentos atuais apresentaram resultados interessantes e que comprovaram o nível de educação financeira dos investidores. Os respondentes já possuíam experiência com diferentes tipos de investimentos: 92% em ações, 85% em fundos de ações ou multimercados e 83% em tesouro direto, sendo que estes foram os tipos de investimentos que apresentaram maior disseminação entre os participantes. Por outro lado, uma parcela significativa dos participantes já tinha alegado experiência com criptomoedas (39%) e derivativos (34%) (CVM, 2021), conforme demonstrado na Tabela 8, a seguir:

**Tabela 8 - Investimentos atuais**

<b>Investimentos atuais</b>	<b>Percentual</b>
Poupança	78%
Tesouro direto	83%
Fundos de ações ou multimercados	85%
Fundos DI ou de renda fixa	78%
Fundos imobiliários	78%
Fundos de investimentos em participações	15%
CDB	74%
Ações	92%
Debêntures	32%
Derivativos	34%
Criptomoedas	39%
Investimentos no exterior	39%
Títulos de securitização	26%
Outros	12%
Crowdfunding	7%

Fonte: adaptado CVM (2021).

Aplicando a estatística de teste Z, encontrou-se que há diferença estatisticamente significativa ( $p\text{-valor} < 0,05$ ) de prática entre universitários e bacharéis sobre a Poupança, Título de Capitalização, Previdência Privada, Dólar, LCA - Letra de Crédito Agronegócio e LCI - Letra de Crédito Imobiliário.

A Poupança foi mencionada por 37,8% dos universitários enquanto nos bacharéis a frequência relativa ficou em 51,3%. Já o Título de Capitalização 16,2% dos bacharéis responderam ter investido neste produto, enquanto os universitários 5,1%. Para Previdência Privada, 21,5% dos bacharéis responderam ter investido neste produto, enquanto os universitários 8,2%. Na LCA - Letra de Crédito Agronegócio, 11,3% dos bacharéis afirmaram ter investido neste produto, e os universitários 3,1%. Na LCI - Letra de Crédito Imobiliário, 15,2% dos bacharéis responderam ter investido neste produto, enquanto os universitários 3,1% ( $p\text{-valor} < 0,05$ ).

Observa-se que nos investimentos mencionados acima, os bacharéis possuem maior prática do que os universitários. Para Andrade e Lucena (2018), explicam que os indivíduos tomam decisões baseadas em conhecimentos sólidos, podendo contribuir para a maior eficiência e estabilidade de recursos financeiros em nível micro e macro da economia. As pessoas que possuem uma maior educação financeira são mais propensas a ter maior disponibilidade de renda e conseqüentemente um menor endividamento. Desta foram possuem um maior direcionamento aos investimentos.

Já o dólar foi mencionado por 15,3% dos universitários e nos bacharéis o percentual ficou em 7,0% (p-valor < 0,05). Verifica-se, desta forma, que este que este produto foi mais investido pelos universitários do que para os bacharéis.

**Tabela 9** - Frequência absoluta e relativa dos investimentos realizados

	Universitários		Bacharéis		Total		Z
	n	%	n	%	n	%	
Opções de investimento INVESTIDOS RECENTEMENTE (últimos 12 meses)							
Poupança	37	<b>37,8%</b>	155	<b>51,3%</b>	192	<b>48,0%</b>	<b>-2,34</b>
Título de Capitalização	5	5,1%	49	16,2%	54	13,5%	<b>-2,80</b>
Títulos Públicos (Tesouro direto)	27	27,6%	74	24,5%	101	25,3%	0,60
FIRF - Fundo de Investimento em Renda Fixa	11	11,2%	42	13,9%	53	13,3%	-0,68
FII - Fundo de Investimento Imobiliário	15	15,3%	60	19,9%	75	18,8%	-1,01
FIA - Fundo de Investimento em Ações	4	4,1%	22	7,3%	26	6,5%	-1,12
FIM - Fundo de Investimento Multimercado	3	3,1%	23	7,6%	26	6,5%	-1,59
Previdência Privada	8	8,2%	65	21,5%	73	18,3%	<b>-2,98</b>
Ouro	30	<b>30,6%</b>	77	<b>25,5%</b>	107	<b>26,8%</b>	0,99
Dólar	15	15,3%	21	7,0%	36	9,0%	<b>2,51</b>
CDB - Certificado de Depósito Bancário	35	<b>35,7%</b>	124	<b>41,1%</b>	159	<b>39,8%</b>	-0,94
CRA - Certificado de Crédito Agronegócio	1	1,0%	11	3,6%	12	3,0%	-1,32
CRI - Certificado de Crédito Imobiliário	1	1,0%	11	3,6%	12	3,0%	-1,32
LCA - Letra de Crédito Agronegócio	3	3,1%	42	13,9%	45	11,3%	<b>-2,95</b>
LCI - Letra de Crédito Imobiliário	3	3,1%	46	15,2%	49	12,3%	<b>-3,19</b>
COE - Certificado de Operações estruturadas	1	1,0%	4	1,3%	5	1,3%	-0,24
Ações	34	<b>34,7%</b>	106	<b>35,1%</b>	140	<b>35,0%</b>	-0,07
Debêntures	2	2,0%	5	1,7%	7	1,8%	0,25
Derivativos	5	5,1%	7	2,3%	12	3,0%	1,40
Cripto Moedas	13	13,3%	45	14,9%	58	14,5%	-0,40
ADRs - American Depositary Receipt	3	3,1%	8	2,6%	11	2,8%	0,22
ETFs - Exchange Traded Funds	5	5,1%	13	4,3%	18	4,5%	0,33

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Os investimentos que já foram investidos e que não investiria novamente estão demonstrados na Tabela 11. Observa-se que a Poupança foi o investimento com o maior percentual, sendo mencionado por 38,5% dos respondentes, tendo uma frequência relativa de 39,8% nos universitários e 38,1% nos bacharéis. O segundo investimento com maior percentual foi o Título de Capitalização com 13,8%, tendo uma frequência relativa de 5,1% nos universitários e 16,6% nos bacharéis.

Pesquisa realizada pela ANBIMA, com investidores brasileiros no ano de 2022, constatou que o investimento em poupança vem diminuindo ao longo dos anos. Em 2018 o percentual de pessoas que investem na poupança foi de 37%, já em 2022 o número caiu para 31% (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS, 2022). Segundo dados do BCB, os valores aplicados na poupança vem diminuindo nos últimos anos, conforme demonstrado na Tabela 10. Neste sentido, pode-se observar que os dados apresentados nesta pesquisa corroboram com os dados apresentados pela ANBIMA e o BCB (CBC, 2023).

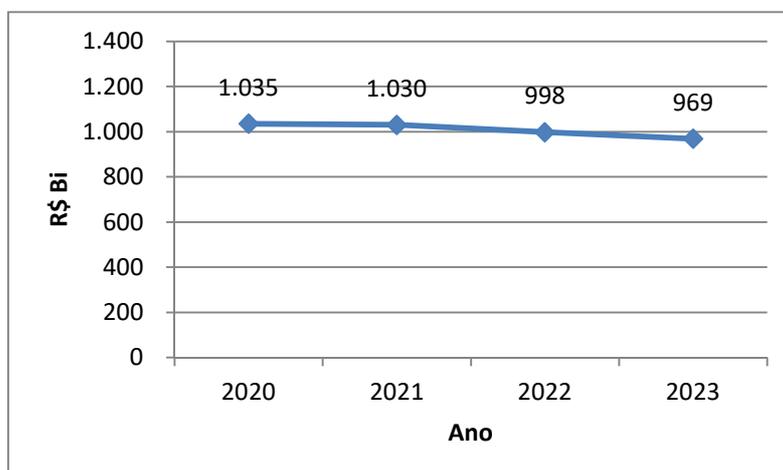
**Tabela 10** – Valores aplicados na poupança

Ano	Valor Aplicado (R\$ Bi)
2020	1.035
2021	1.030
2022	998
2023	969

Fonte: adaptado BCB (2023).

Observa-se que a Poupança e Título de Capitalização são investimento de baixo risco e que os respondentes não pretendem investir novamente nestes produtos. Para Associação Nacional das Instituições do Mercado Financeiro (ANBIMA) o perfil do investidor brasileiro continua sendo conservador, tendo a poupança como o investimento preferido dos brasileiros, mas observa-se que os investidores estão diversificando mais suas carteiras de investimento e migrando para produtos com maior rentabilidade e maior risco (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS, 2022). No Gráfico 2 é demonstrado a evolução de valores aplicados na poupança.

**Gráfico 2** – Evolução de valores aplicados na poupança



Fonte: adaptado BCB (2023)

Aplicando a estatística de teste Z, encontrou-se que há diferença estatisticamente significativa ( $p$ -valor  $< 0,05$ ) de arrependimento entre universitários e bacharéis sobre o Título de Capitalização, sendo mencionada na pesquisa por 5,1% dos universitários e 16,6% dos bacharéis.

**Tabela 11** - Frequência absoluta e relativa dos investimentos que já foram investidos e que não investiria novamente

	Universitários		Bacharéis		Total		Z
	n	%	n	%	n	%	
<b>Investimentos que JÁ INVESTIDOS E QUE NÃO INVESTIRIA NOVAMENTE</b>							
Poupança	39	<b>39,8%</b>	115	<b>38,1%</b>	154	<b>38,5%</b>	0,30
Título de Capitalização	5	5,1%	50	16,6%	55	13,8%	<b>-2,86</b>
Títulos Públicos (Tesouro direto)	3	3,1%	6	2,0%	9	2,3%	0,62
FIRF - Fundo de Investimento em Renda Fixa	0	0,0%	3	1,0%	3	0,8%	-0,99
FII - Fundo de Investimento Imobiliário	1	1,0%	2	0,7%	3	0,8%	0,36
FIA - Fundo de Investimento em Ações	2	2,0%	7	2,3%	9	2,3%	-0,16
FIM - Fundo de Investimento Multimercado	0	0,0%	7	2,3%	7	1,8%	-1,52
Previdência Privada	1	1,0%	14	4,6%	15	3,8%	-1,64
Ouro	4	4,1%	7	2,3%	11	2,8%	0,93
Dólar	0	0,0%	7	2,3%	7	1,8%	-1,52
CDB - Certificado de Depósito Bancário	1	1,0%	3	1,0%	4	1,0%	0,02
CRA - Certificado de Crédito Agronegócio	0	0,0%	2	0,7%	2	0,5%	-0,81
CRI - Certificado de Crédito Imobiliário	0	0,0%	3	1,0%	3	0,8%	-0,99
LCA - Letra de Crédito Agronegócio	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	-
LCI - Letra de Crédito Imobiliário	0	0,0%	1	0,3%	1	0,3%	-0,57
COE - Certificado de Operações estruturadas	0	0,0%	4	1,3%	4	1,0%	-1,15
Ações	4	4,1%	24	7,9%	28	7,0%	-1,30
Debêntures	1	1,0%	3	1,0%	4	1,0%	0,02
Derivativos	0	0,0%	4	1,3%	4	1,0%	-1,15
Cripto Moedas	8	8,2%	23	7,6%	31	7,8%	0,18
ADRs - American Depositary Receipt	1	1,0%	2	0,7%	3	0,8%	0,36
ETFs - Exchange Traded Funds	2	2,0%	1	0,3%	3	0,8%	1,70

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Já na parte 3) perfil do investidor, buscou-se conhecer o perfil em relação aos investimentos. Para esta seção foi considerando os critérios de avaliação do perfil do investidor do Tesouro Nacional (2022). Os respondentes foram questionados sobre a propensão do investidor em relação ao risco, a necessidade de resgate dos investimentos, a

finalidade dos investimentos, a frequência dos investimentos, quais as estratégias utilizadas para aprender sobre investimento e quais as dificuldades enfrentadas para aprender sobre investimentos.

A Tabela 12 evidencia os dados sobre o perfil do investidor, sendo que 53,8% dos respondentes afirmaram ter um conhecimento limitado / pouca experiência com investimentos, 38,5% afirmaram ter conhecimento moderada / alguma experiência e 7,8% extensa experiência em investimentos. Sendo que 63,3% dos universitários e 50,7% dos bacharéis responderam ter conhecimento limitado.

Observa-se que os universitários possuem mais experiências em investimentos que os bacharéis. Fernandes (2020) constatou que ocorreu uma importante mudança no comportamento dos jovens decorrentes do maior acesso à informação, com grande interesse em aprender e com maior capacidade de tomar decisões racionais para investir.

Perguntou-se também sobre a propensão em relação aos riscos de seus investimentos e 41,5% dos respondentes aceitam correr riscos baixos em seus investimentos. Esta afirmativa foi assinalada por 44,9% dos universitários e 40,4% dos bacharéis. Os dados desta resposta estão em conformidade com a pesquisa realizada pela AMBIMA, que identificou que o perfil do investidor brasileiro continua sendo conservador, optando por produtos de baixo risco, como a poupança, por exemplo. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS, 2022).

Os investidores podem esperar um maior retorno para um maior nível de risco nos investimentos. Neste sentido, Fisher e Yao (2017), destacam que em mercados eficientes, os investidores com níveis mais altos de tolerância ao risco tendem a investir em ativos mais arriscados, como ações, por exemplo, para obterem maiores retornos a longo prazo e construir maior riqueza.

Donadio (2018) realizou estudo almejando identificar o perfil de risco do investidor e a tomada de decisão, tendo com base a abordagem comportamental. No estudo foi constatado que das variáveis demográficas pesquisadas apenas o gênero e a faixa etária foram significantes para explicar a tolerância ao risco. Sendo que os homens da amostra são mais tolerantes ao risco do que as mulheres.

Para Kahneman e Tversky (1979), a tomada de decisão na escolha dos investimentos não é um processo puramente racional. Leva em consideração que as emoções podem interferir na tomada de decisão, bem como prejudicar a interpretação do contexto em que se está inserido. Os indivíduos tendem a avaliar as perspectivas ou resultados possíveis em

termos de ganhos e perdas em relação a algum ponto de referência, e não pensando em ganhos ou aumento de capital.

Estudos conduzidos por Grable (2008) e Halek e Eisenhauer (2001) constataram que a educação é um fator relacionado à tolerância ao risco, com níveis mais elevados de educação associados a uma maior tolerância ao risco. Pessoas com diploma de bacharel ou superior são mais tolerantes ao risco do que pessoas com menos escolaridade.

Para Hallahan, Faff e McKenzie (2004) a educação é considerada uma forma de melhorar a capacidade dos indivíduos de avaliar os riscos inerentes ao processo de investimento e, portanto, aumentar a sua tolerância ao risco financeira.

Quando questionados sobre o horizonte de tempo dos investimentos, ou seja, por quanto tempo pretendem manter os recursos investidos, 58,3% dos respondentes pretendem investir a longo prazo, com pretensão de resgate em 2026 ou depois. Esta opção foi marcada por 57,1% dos universitários e 58,6% dos bacharéis.

Também foi questionado sobre a frequência que são feitos os investimentos / aquisição de produtos financeiros, 50% dos entrevistados afirmaram que fazem investimentos mensalmente. Verificou-se que 49% dos universitários e 50,3% dos bacharéis assinalaram investem mensalmente.

Quando questionados sobre a principal finalidade das aplicações, a opção mais assinalada foi a de crescimento do patrimônio com 62%. Sendo marcada por 60,2% dos universitários e 62,6% dos bacharéis. A segunda opção mais assinalada foi a de aposentadoria com 39,5%. Sendo marcada por 31,6% dos universitários e 42,1% dos bacharéis.

Para Haubert, Lima e Lima (2014), os investimentos devem ter objetivos claros e atender a algumas questões básicas relacionadas à sua finalidade, sejam possíveis emergências, viagens, expansão de ativos ou outras. Além disso, devem examinar os riscos e a duração envolvidos no investimento, uma vez que afetam o perfil do investidor e, portanto, a alocação em diferentes produtos de investimento.

Para Macedo Jr. (2013) adotar o costume de poupar é uma ferramenta útil para a realização pessoal, uma vez que, desta forma, se tornará possível que se execute projetos de vida. Para que o investidor individual tenha sucesso na bolsa de valores é necessário investir aos poucos. Destinar as economias pensando à longo prazo para o crescimento do patrimônio e na aposentadoria.

O principal destino do dinheiro aplicado pelos investidores brasileiros é o crescimento do patrimônio (compra de imóvel / carro / moto / caminhão), sendo mencionado por 41% dos respondentes, seguido por manter o valor aplicado, com 21%, fazer viagem/lazer com 11% e

10% destinados para aposentadoria (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS, 2022).

**Tabela 12** - Frequência absoluta e relativa do perfil do investidor

	Universitários		Bacharéis		Total	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Grau de experiência em investimentos						
Limitada: Tenho pouca experiência em investimentos.	62	<b>63,3%</b>	153	<b>50,7%</b>	215	<b>53,8%</b>
Moderada: Tenho alguma experiência em investimentos.	29	29,6%	125	41,4%	154	38,5%
Extensa: Sou um investidor ativo e experiente.	7	7,1%	24	7,9%	31	7,8%
Propensão em relação aos riscos de seus investimentos						
Não pretendo assumir riscos.	14	14,3%	71	23,5%	85	21,3%
Aceito correr riscos baixos.	44	<b>44,9%</b>	122	<b>40,4%</b>	166	<b>41,5%</b>
Aceito correr riscos moderados.	35	35,7%	91	30,1%	126	31,5%
Aceito correr riscos altos.	5	5,1%	18	6,0%	23	5,8%
Horizonte de tempo dos investimentos						
Ainda em 2023.	13	13,3%	40	13,2%	53	13,3%
Em 2024.	17	17,3%	51	16,9%	68	17,0%
Em 2025.	12	12,2%	34	11,3%	46	11,5%
Em 2026 ou depois.	56	<b>57,1%</b>	177	<b>58,6%</b>	233	<b>58,3%</b>
Frequência dos investimentos / aquisição de produtos financeiros						
Diariamente	4	4,1%	7	2,3%	11	2,8%
Semanalmente	6	6,1%	9	3,0%	15	3,8%
Mensalmente	48	<b>49,0%</b>	152	<b>50,3%</b>	200	<b>50,0%</b>
Semestralmente	21	21,4%	48	15,9%	69	17,3%
Anualmente	7	7,1%	35	11,6%	42	10,5%
Menos que anualmente	12	12,2%	51	16,9%	63	15,8%
Qual a principal finalidade das suas aplicações						
Crescimento do patrimônio	59	<b>60,2%</b>	189	<b>62,6%</b>	248	<b>62,0%</b>
Aposentadoria	31	<b>31,6%</b>	127	<b>42,1%</b>	158	<b>39,5%</b>
Proteção do capital contra a inflação	29	29,6%	89	29,5%	118	29,5%
Consumo	28	28,6%	47	15,6%	75	18,8%
Outra	5	5,1%	21	7,0%	26	6,5%

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

### 4.3 ANÁLISE DAS PERGUNTAS ABERTAS

As respostas obtidas nas questões “22 - Como você aprendeu a investir?” e “23 - Quais as dificuldades você enfrentou para aprender sobre investimentos?” foram tratadas por meio de análise de conteúdo. Para Bardin (1977) a análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas de análise de comunicações que visam descrever o conteúdo das mensagens através de procedimentos sistemáticos e objetivos, obtendo indicadores (quantitativos ou não quantitativos) e assim inferir conhecimentos sobre as condições em que essas mensagens foram produzidas/recebidas (variáveis inferidas).

Neste sentido, quando a análise de conteúdo é escolhida como o procedimento analítico mais adequado, como em qualquer técnica de análise de dados, os próprios dados constituem apenas dados brutos e só têm significado quando processados de acordo com técnicas analíticas apropriadas. Para Flick (2008), a análise de conteúdo é desenvolvida por meio de técnicas mais ou menos refinadas além da interpretação após a coleta dos dados.

A seguir são apresentados os dados das questões abertas, presentes no questionário da pesquisa: 22 - Como você aprendeu a investir? e 23 - Quais as dificuldades você enfrentou para aprender sobre investimentos? Na Tabela 13 evidencia os dados da questão de número 22 - Como você aprendeu a investir?

**Tabela 13** - Frequência absoluta e relativa de como aprendeu a investir

	Universitários		Bacharéis		Total	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Como aprendeu a investir						
Internet	26	19,4%	95	27,1%	121	<b><u>25,0%</u></b>
Youtube	27	20,1%	35	10,0%	62	<b><u>12,8%</u></b>
Faculdade	20	14,9%	37	10,6%	57	<b><u>11,8%</u></b>
Cursos	11	8,2%	35	10,0%	46	9,5%
Livros	10	7,5%	26	7,4%	36	7,4%
Práticas em investimentos	2	1,5%	28	8,0%	30	6,2%
Amigos	9	6,7%	16	4,6%	25	5,2%
Família	12	9,0%	10	2,9%	22	4,5%
Influenciadores	3	2,2%	11	3,1%	14	2,9%
Experiência profissional	0	0,0%	14	4,0%	14	2,9%
Histórico de aplicação em poupança	2	1,5%	10	2,9%	12	2,5%
Assessoria de Investimento	1	0,7%	10	2,9%	11	2,3%
Gerente Banco	2	1,5%	6	1,7%	8	1,7%
Experiência profissional em banco	0	0,0%	7	2,0%	7	1,4%
Instagram	1	0,7%	3	0,9%	4	0,8%

Blogs	2	1,5%	1	0,3%	3	0,6%
Jornais	1	0,7%	1	0,3%	2	0,4%
Redes Sociais	1	0,7%	1	0,3%	2	0,4%
Aplicativo do banco	1	0,7%	0	0,0%	1	0,2%
Aplicativo da corretora	1	0,7%	0	0,0%	1	0,2%
Fóruns	1	0,7%	0	0,0%	1	0,2%
Notícias	0	0,0%	1	0,3%	1	0,2%
Podcast	0	0,0%	1	0,3%	1	0,2%
Imposição patronal	0	0,0%	1	0,3%	1	0,2%
TikTok	1	0,7%	0	0,0%	1	0,2%
Experiência profissional em corretora	0	0,0%	1	0,3%	1	0,2%

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Diante dos dados expostos, torna-se possível iniciar a identificação das percepções sobre o aprendizado dos investidores respondentes, tendo em vista que as questões foram abertas, as variáveis com maior frequência foram: internet (25%), Youtube (12,8%) e faculdade (11,8%).

Identificou-se que os respondentes aprenderam a investir seus recursos, principalmente, por meios eletrônicos como: internet, Youtube, influenciadores, blogs, Instagram, Tiktok, fóruns, aplicativos de banco e aplicativos de corretoras. Desta forma, observa-se que a tecnologia vem contribuindo para disseminação de informações relevantes aos investidores.

Para a B3 a transformação digital trazida pelo avanço da tecnologia e o maior acesso à informação foram cruciais para que o mercado de investimentos se desenvolvesse muito nos últimos anos no Brasil. Neste sentido, o perfil dos investidores pessoas físicas vem se transformando e se tornando cada vez mais digital, pelo advento da internet e redes sociais (B3, 2020).

Segundo a ANBIMA, o YouTube manteve em 2022 a primeira posição como o canal que os investidores mais usam para a busca de informações sobre investimentos, com 37% da preferência entre os que aplicam seus recursos. Assim como a TV, que permaneceu em segundo lugar, com 32%. O Instagram no entanto, foi o que mais cresceu (4 pontos percentuais) e conservou o terceiro lugar, passando de 25% em 2021 para 29% em 2022 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS, 2022).

Em questionário de múltipla escolha, feito pela B3 no ano de 2020, demonstrou a forma que os investidores aprendem a investir os seus recursos. Canais do YouTube / influenciadores ficou em primeiro lugar com 73%, seguido por plataformas online, com 45%,

Ajuda de amigos (31%), mídia impressa (jornais, revistas e livros) (20%), *Podcasts* (18%), em cursos presenciais (9%), ajuda do gerente ou assessor financeiro (7%), rádio (1%) e outros (13%) (B3, 2020), conforme demonstrado na Tabela 14, a seguir:

**Tabela 14** - Forma que os investidores aprendem a investir

<b>Forma que os investidores aprendem a investir</b>	<b>Percentual</b>
Canais do YouTube/influenciadores	73%
Em plataformas online	45%
Ajuda de amigos	31%
Mídia impressa (jornais, revistas e livros)	20%
Podcasts	18%
Em cursos presenciais	9%
Ajuda do gerente ou assessor financeiro	7%
Rádio	1%
Outros	13%

Fonte: adaptado B3 (2020).

Os investidores também costumam se informar sobre seus investimentos, principalmente por meios digitais. Sendo que 73% utilizam a internet com o fonte de informação, 60% através de canais do Youtube ou influenciadores, 38% por intermédio de e-mails, alertas, notificações de bancos/corretoras/instituições financeiras, 38% pelas redes sociais de bancos, corretoras ou instituições financeiras, 36% pelas redes sociais, 34% por grupos de investimentos no WhatsApp ou Telegram, 27% assinatura/leitura de relatórios de análise econômica, 19% por recomendação de amigos e parentes, 14% recomendação de consultor/assessor financeiro e 14% jornais e revistas (B3, 2020) conforme demonstrado na Tabela 15 a seguir:

**Tabela 15** – Forma que os investidores costumam se informar sobre investimentos

<b>Forma que os investidores costumam se informar sobre investimentos</b>	<b>Percentual</b>
Internet	73%
YouTube/influenciadores	60%
E-mails, alertas, notificações de bancos/corretoras/instituições financeiras	38%
Redes sociais de bancos, corretoras ou instituições financeiras	38%
Redes sociais	36%
Grupos de investimentos no WhatsApp ou Telegram	34%
Assinatura/leitura de relatórios de análise econômica	27%
Recomendação de amigos e parentes	19%
Recomendação de consultor/assessor financeiro	14%
Jornais e revistas	14%

Fonte: adaptado B3 (2020).

Tendo por base estes resultados, a presente pesquisa corrobora com as pesquisas realizadas pela B3(2020) e ANBIMA (2022), quando apontam que as principais formas de aprendizado dos investidores são através de meios digitais, como internet, Youtube e redes sociais.

Outras variáveis identificadas no processo de aprendizado dos respondentes, estão relacionadas a vivência/experiência com investimentos, são elas: experiência profissional, imposição patronal, histórico de aplicação na poupança, experiência profissional em corretora e experiência profissional em banco.

Para Housel (2021), cada pessoa tem uma visão única e particular sobre como as coisas funcionam. E o que é vivenciado é mais forte do que aquilo que aprende pelo exemplo dos outros. Cada indivíduo passa a vida ancorada em conjuntos e pontos de vista sobre como o dinheiro funciona, pontos que variam amplamente de indivíduo para indivíduo. Neste sentido, as vivências e experiências passadas dos investimentos, servem como base para investimentos futuros, dando ao investidor maior convicção na tomada de decisão.

Já Cerbasi (2013), explica que as projeções dos investimentos são feitas com base em diversos fatores, incluindo a vivência e experiência do investidor, principalmente, o desempenho passado de vários tipos de ativos. Apesar de o passado se repetir continuamente ou de maneira cíclica (com altos e baixos) para muitos ativos, não há garantia de que o desempenho passado de investimentos de risco seja um indicativo de seu desempenho futuro.

As demais respostas apresentam variáveis relacionadas ao relacionamento com as pessoas, como: família, amigos, gerente de banco e assessoria de investimento. Segundo dados da B3, 31% dos investidores brasileiros aprenderam a investir com o auxílio de amigos e 7% com a ajuda do gerente de banco ou assessor financeiro (B3, 2020).

Vale ressaltar que o profissional bancário, está habilitado e certificado para atuar no mercado financeiro, atuando na distribuição de produtos de investimento em agências bancárias ou plataformas de atendimento (CPA 10), na distribuição de produtos de investimento para clientes dos segmentos varejo em agências bancárias ou em plataformas de atendimento (CPA 20) ou no mercado financeiro como especialistas em investimentos, recomendando produtos de investimentos para clientes em diversos segmentos (CEA). Já o assessor de investimento é o profissional certificado para emitir relatórios de recomendações, de compra ou venda de ativos, através de análise fundamentalista ou análise gráfica (CNPI) (ASSOCIAÇÃO DOS ANALISTAS E PROFISSIONAIS DE INVESTIMENTO DO MERCADO DE CAPITAIS, 2021).

Por fim, as demais variáveis identificadas estão relacionadas aos meios tradicionais de aprendizado sobre investimentos, como: livros, faculdade, fazendo curso, jornais e notícias. Para a B3, 20% dos investidores brasileiros aprenderam a investir através da mídia impressa (jornais, revistas e livros) e 9% por meio de cursos presenciais (B3, 2020).

Neste mesmo sentido, Andrade e Lucena (2018), afirmam que os fatores como graduação são estatisticamente significativos em relação ao conhecimento financeiro dos alunos e concluíram que alunos de cursos que possuem disciplinas como economia e finanças apresentam conhecimento financeiro superior em relação aos demais alunos. Desta forma, a faculdade contribui significativamente no aprendizado sobre investimentos e finanças dos alunos e profissionais já formados.

Na Tabela 16 evidencia-se os dados da questão de número “23 - Quais as dificuldades você enfrentou para aprender sobre investimentos?”.

**Tabela16** - Frequência absoluta e relativa das dificuldades enfrentadas para aprender sobre investimentos

	Universitários		Bacharéis		Total	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Dificuldades enfrentadas para aprender sobre investimentos						
Falta de conhecimento	27	30,3%	87	34,5%	114	<b><u>33,4%</u></b>
Insegurança/medo	6	6,7%	30	11,9%	36	<b><u>10,6%</u></b>
Conteúdo duvidoso na internet	18	20,2%	13	5,2%	31	<b><u>9,1%</u></b>
Conteúdo básico na Internet	15	16,9%	11	4,4%	26	7,6%
Linguagem técnica/teórica	11	12,4%	13	5,2%	24	7,0%
Falta de tempo para estudar	2	2,2%	17	6,7%	19	5,6%
Falta de capital para investir	0	0,0%	12	4,8%	12	3,5%
Desconfiança dos influenciadores	2	2,2%	10	4,0%	12	3,5%
Plataforma de investimento complexas/não amigável	0	0,0%	11	4,4%	11	3,2%
Falta de hábito/disciplina de investir	0	0,0%	10	4,0%	10	2,9%
Falta de orientação especializada	0	0,0%	9	3,6%	9	2,6%
Falta de educação financeira	0	0,0%	6	2,4%	6	1,8%
Falta de cursos	0	0,0%	6	2,4%	6	1,8%
Volume de opções de investimento	0	0,0%	4	1,6%	4	1,2%
Questões tributação	0	0,0%	4	1,6%	4	1,2%
Conhecimento básico no Youtube	2	2,2%	1	0,4%	3	0,9%
Desconhecimento do perfil como investidor	2	2,2%	1	0,4%	3	0,9%
Preguiça	1	1,1%	2	0,8%	3	0,9%
Crenças limitadoras	1	1,1%	1	0,4%	2	0,6%
Excesso de informações	0	0,0%	2	0,8%	2	0,6%
Desconfiança do banco ou corretora	0	0,0%	1	0,4%	1	0,3%

Complexidade do conteúdo na internet	1	1,1%	0	0,0%	1	0,3%
Falta de orientação na escola	1	1,1%	0	0,0%	1	0,3%
Perfil conservador como investidor	0	0,0%	1	0,4%	1	0,3%

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Diante dos dados expostos, torna-se possível iniciar a identificação das percepções sobre as dificuldades enfrentadas no aprendizado dos investidores respondentes, tendo em vista que as questões foram abertas, as variáveis com maior frequência foram: falta de conhecimento (33,4%), insegurança/medo (10,6%) e conteúdo duvidoso na internet (9,1%).

Identificou-se que as dificuldades enfrentadas no aprendizado dos investidores, principalmente, pelas faltas: falta de conhecimento, falta de tempo para estudar, falta de capital para investir, falta de hábito/disciplina de investir, falta de orientação especializada, falta de educação financeira, falta de cursos e falta de orientação na escola.

A baixa educação financeira e carência de conhecimento sobre valores mobiliários, acabam criando uma falha de mercado pela assimetria de informação entre os diferentes participantes do mercado. Por isso, faz-se necessário continuamente prover recursos para educar os novos investidores para que eles tenham a possibilidade de buscar mais oportunidades de diversificação e retornos em seus investimentos (CVM, 2021).

Cerbasi (2013) explica que o melhor investimento é aquele que atende as necessidades do investidor, a capacidade de investimento, a tolerância ao risco, o prazo do investimento e, principalmente, o nível de conhecimento sobre o produto. Jamais o investimento em ações, por exemplo, será adequado se não buscar conhecimentos mínimos sobre o mercado, seu comportamento e características peculiares. Quanto mais se envolver em um mercado, mais conhecerá sobre ele, encontrando as melhores alternativas.

Housel (2021) chegou à conclusão de que teria grandes chances de atingir todas as suas metas financeiras, e de sua família, se investisse de forma consistente e sistematicamente todos os meses, deixando a magia dos juros compostos atuarem em seus investimentos. O autor enfatiza ainda, que todas as metas são atingidas sem correr riscos extras de tentar superar o mercado. O segredo é guardar um pouco todos os meses.

Para Cerbasi (2013), o investidor precisa estabelecer metas de curto, médio e longo prazos e adote mecanismos que lhe deem disciplina, para que as metas sejam alcançadas ou superadas com algum grau de certeza. O autor sugere ainda, incluir seus investimentos em débito automático, agendando antecipadamente seu DOC para a compra de ações ou incluir um Plano de Previdência em débito automático. A grande arma do investidor disciplinado, com visão de longo prazo, é a regularidade: investir um pouquinho todos os meses, com

disciplina, seguindo um plano de longo prazo. De vez em quando comprará na alta de preços, de vez em quando na baixa, mas, se ele foi seletivo e fez uma boa escolha de investimento, estará pagando o preço médio de uma boa alternativa de enriquecimento.

Outras variáveis identificadas como dificuldades enfrentadas no aprendizado dos investidores estão relacionadas a desconfiança, como: desconfiança dos influenciadores, conteúdos duvidosos na internet, desconfiança do banco ou corretora.

As demais respostas identificadas como dificuldades enfrentadas no aprendizado dos investidores estão relacionadas a complexidade, como: linguagem técnica/teórica, excesso de informações, questões de tributação, complexidade do conteúdo na internet, volume de opções de investimento, plataforma de investimento complexas/não amigável.

Para Cerbasi (2013), a tarefa de investir parece muito difícil no início. O que faz com que as orientações, muitas vezes, sejam difusas e em linguagem compreensível para poucos, sem contar a complexidade nas plataformas de investimento. Em muitos casos, as informações só são compreendidas por especialistas, o que obriga o investidor buscar a orientação de um profissional.

Com a experiência, o investidor vai se afeiçoando ao linguajar típico e percebendo que muita informação é oferecida inutilmente, apenas por formalidade e para cumprir exigências de alguma norma que regula os serviços financeiros, as práticas de negociação e os diversos mercados de investimentos. A maior parte da informação recebidas, no mundo dos investimentos, pouco agrega nas decisões. É importante aplicar filtros, e a experiência ensina a fazer esses filtros, com a prática aumenta a autoconfiança e confere agilidade a nossas escolhas. Mas a experiência também ilude, pois o excesso de autoconfiança muitas vezes faz esquecer da organização, de pensar no longo prazo e de manter a racionalidade nos momentos de incerteza (CERBASI, 2013).

Outras variáveis identificadas como dificuldades enfrentadas no aprendizado dos investidores estão relacionadas a personalidade/atitudes dos entrevistados, como: insegurança/medo, desconhecimento do perfil como investidor, crenças limitadoras, perfil conservador).

Neste sentido, Housel (2021) argumenta que para manter o dinheiro, requer o oposto de correr riscos. Requer humildade e o medo de que o que você conquistou possa ser tirado de você com a mesma rapidez. Requer frugalidade e a aceitação do fato de que pelo menos parte do que você conquistou pode ser atribuído à sorte; logo, não se pode confiar que os sucessos passados vão se repetir para sempre. Como todas as coisas que valem a pena, um investimento bem-sucedido cobra um preço. Mas esse preço não é medido em dólares. Ele é medido em

volatilidade, em medo, em dúvida, em incerteza e em arrependimento — aspectos muito fáceis de serem ignorados até que seja você a lidar com eles em tempo real (HOUSEL, 2021).

Slimani (2015) destaca que os investidores conservadores costumam investir apenas em poupanças com baixo risco e boa liquidez diária. Esse tipo de pessoa tem dificuldade de sair da zona de conforto e não busca investimentos diferenciados por acreditar que outros investimentos envolvem maior grau de risco, o que faz com que deixem passar outras oportunidades de investimento.

Por fim, as demais variáveis identificadas como dificuldades enfrentadas no aprendizado dos investidores estão relacionadas a conteúdos básicos, como: conteúdo básico na Internet e conhecimento básico no Youtube.

De um modo geral, verificou-se que este trabalho apresentou, tanto semelhanças como diferenças, quando comparado a trabalhos correlatos. No entanto, a falta de pesquisas envolvendo os bacharéis da área de negócios dificulta as comparações mais minuciosas dos resultados dessa pesquisa.

Exposta a discussão dos resultados dessa pesquisa, parte-se para as considerações finais do estudo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo apresenta as considerações finais do estudo, incluindo síntese dos resultados, contribuições do estudo, reconhecimento das limitações e sugestões de futuras pesquisas sobre o tema.

O estudo apresentado teve como principal objetivo analisar as semelhanças e diferenças de universitários e bacharéis da área de negócios sobre finanças pessoais. Para que o alcance desse objetivo fosse possível o objetivo geral foi dividido em cinco objetivos específicos, já referidos, os quais resultaram em levantamento de dados, estudos, análises e achados, cujas conclusões são apresentadas na sequência.

A poupança foi o investimento que obteve o maior percentual na pesquisa, sendo o investimento mais conhecido, com 96,8%, o mais investido recentemente, com 91,3%, o mais investimento recentemente (últimos 12 meses), com 48,0% e dentro os investimentos que já foram investidos e que não investiria novamente, a poupança obteve o maior percentual, com 38,5%.

No que tange ao primeiro objetivo específico da pesquisa, observou-se que todos os universitários como os bacharéis possuem algum conhecimento sobre investimentos, e mais especificamente, o estudo revelou que 53,8% dos respondentes afirmaram ter um conhecimento limitado / pouca experiência com investimentos, 38,5% afirmaram ter conhecimento moderado / alguma experiência e 7,8% extensa experiência em investimentos. Desmembrando por grupo, 63,3% dos universitários e 50,7% dos bacharéis responderam ter conhecimento limitado.

No que diz respeito ao perfil de investidor, segundo objetivo específico proposto por este estudo, constatou-se que 41,5% dos respondentes aceitam correr riscos baixos em seus investimentos. Esta afirmativa foi assinalada por 44,9% dos universitários e 40,4% dos bacharéis. Identifica-se, que os dados apresentados nesta questão estão em concordância com que a pesquisa realizada por AMBIMA (2022); Migueis (2021); Schauren (2018); Nunes (2018); Serafini e Andrade (2020). Desta forma, o perfil identificado dos respondentes foi o moderado.

Para atingir o terceiro objetivo específico proposto, buscou-se identificar a diferença de nível de conhecimento de universitários e bacharéis. Assim, percebeu-se que, por meio da teste de diferença de proporção, encontrou-se que há diferença estatisticamente significativa ( $p$ -valor  $< 0,05$ ) de conhecimento entre universitários e bacharéis sobre Título de Capitalização, Cripto Moedas, Dólar e os ETFs - Exchange Traded Funds. Enquanto uma

maior proporção de bacharéis conhece Título de Capitalização, uma maior proporção de universitários conhece o Cripto Moedas, Dólar e os ETFs - Exchange Traded Funds.

Quanto ao quarto objetivo proposto, mapear as estratégias utilizadas para aprender sobre investimentos de universitário e bacharéis da área de negócios, identificou-se que os respondentes aprenderam a investir seus recursos, principalmente por meios eletrônicos como: Internet, Youtube e Redes Sociais. Observa-se que a presente pesquisa corrobora com os dados apresentados pela B3(2020) e ANBIMA (2022), onde os investidores aprendem e se informam sobre investimentos, principalmente por meios eletrônicos.

Por fim, o último objetivo proposto, mapear as dificuldades enfrentadas para aprender sobre investimentos, identificou-se que falta de conhecimento (33,4%), insegurança/medo (10,6%) e conteúdo duvidoso na internet (9,1%) foram as maiores dificuldades no aprendizado dos respondentes. Neste sentido, ressalta-se que os dados desta resposta estão de acordo com a afirmação da CVM (2021), quando é mencionando que baixa educação financeira e carência de conhecimento sobre valores mobiliários, acabam criando uma falha de mercado pela assimetria de informação entre os diferentes participantes do mercado. Por isso, faz-se necessário continuamente prover recursos para educar os novos investidores para que eles tenham a possibilidade de buscar mais oportunidades de diversificação e retornos em seus investimentos.

Quanto às hipóteses da pesquisa, foram aceitas a hipótese de pesquisa em quatro opções de investimento. Na hipótese 1: há diferença estatisticamente significativa de conhecimento sobre opções de investimentos entre universitários e bacharéis, de modo geral, o conhecimento é similar entre os universitários e bacharéis, com exceção do título de capitalização, que é conhecido proporcionalmente por mais bacharéis do que por universitário. Já a opções de investimentos como o dólar, Cripto Moedas e os ETFs - *Exchange Traded Funds* são conhecidos proporcionalmente mais por universitários do que por bacharéis.

A hipótese 2: há diferença estatisticamente significativa de experiência sobre opções de investimentos entre universitários e bacharéis, a Poupança, Título de Capitalização, o FIM - Fundo de Investimento Multimercado, a Previdência Privada, o CRA - Certificado de Crédito Agronegócio, CRI - Certificado de Crédito Imobiliário, LCA - Letra de Crédito Agronegócio e LCI - Letra de Crédito Imobiliário, são utilizados proporcionalmente mais por bacharéis do que por universitários.

Na hipótese 3: há diferença estatisticamente significativa de prática recente (últimos 12 meses) de opções de investimentos entre universitários e bacharéis, uma proporção maior

de bacharéis pratica investimentos nas opções de Poupança, Título de Capitalização, Previdência Privada, Dólar, LCA - Letra de Crédito Agronegócio e LCI - Letra de Crédito Imobiliário do que a proporção de universitários. Já no dólar, uma proporção maior de universitários investe mais do que os bacharéis.

Por fim, a hipótese 4: há diferença estatisticamente significativa de arrependimento sobre opções de investimentos entre universitários e bacharéis, o resultado é similar entre os universitários e bacharéis, com exceção do Título de Capitalização, que foi mencionada por 5,1% dos universitários e 16,6% dos bacharéis.

Já o horizonte de tempo dos investimentos, ou seja, por quanto tempo pretendem manter os recursos investidos, 58,3% dos respondentes pretendem investir a longo prazo, com pretensão de resgate em 2026 ou depois. Esta opção foi marcada por 57,1% dos universitários e 58,6% dos bacharéis.

Com base nos resultados e análises dos estudos anteriores a respeito, conclui-se que a universidade é um facilitador para o aprendizado de finanças pessoais, uma vez que o conhecimento adquirido nos cursos da área de negócio são relevantes para a gestão de recursos e investimentos dos alunos.

De modo geral, respondendo à pergunta de pesquisa, foi possível analisar as semelhanças e diferenças de universitários e bacharéis da área de negócios sobre finanças pessoais. Desta forma, observa-se que os bacharéis detêm maior conhecimento e experiência em investimentos do que os universitários.

Quanto às limitações dessa pesquisa, observa-se que uma das limitações foi o tamanho da amostra, uma vez que os respondentes participaram de forma voluntária respondendo um formulário *on line*. Com a possibilidade de aumentar a taxa de retorno seria se os próprios Conselhos profissionais conduzissem a pesquisa periodicamente.

Por fim, recomenda-se desenvolver mais estudos envolvendo outras variáveis, como por exemplo, a geração em que pertence o indivíduo investidor e verificar se há diferenças nas práticas de finanças pessoais decorrentes de diferenças geracionais. Recomenda-se ainda estender esta pesquisa para outras áreas de cursos além dos de negócios, como: humanas, exatas e engenharias. Recomenda-se aplicar esta pesquisa com estudantes de instituições de ensino superior como faculdades e centros universitários, dado que a amostra da presente pesquisa é de estudantes de universidades. Recomenda-se também estender esta pesquisa para outros estados do país com diferentes características econômicas e sociais.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F. A. L., SOUZA, M. A. P. S. **Educação Financeira para um Brasil Sustentável Evidências da necessidade de atuação do Banco Central do Brasil em educação financeira para o cumprimento de sua missão.** Brasília, 2012. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/publicacoes/WorkingPaperSeries/TD280.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2022

ASSAF NETO, A. **Mercado Financeiro.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL (AEF, org.). **Educação Financeira nas escolas.** São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.aefbrasil.org.br/index.php/programas-e-projetos/educacao-financeira-nas-escolas/>. Acesso em: 16 set. 2022.

ANACHE, M. C. A.; LAURENCEL, L. C. Finanças Comportamentais: uma avaliação crítica da moderna teoria de finanças. **Revista CADE**, v. 12, n.1, p. 83-120, 2013. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cade/article/view/6331>. Acesso em: 20 out. 2022.

ANDRADE, J; LUCENA, W. G. L. Educação financeira: uma análise de grupos acadêmicos. **Revista Economia & Gestão**, v. 18, n. 49, p. 103-121, 2018.

ANBIMA. **Raio X do investidor.** Disponível em: [https://www.anbima.com.br/pt\\_br/especial/raio-x-do-investidor-2022.htm](https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-2022.htm). Acesso em: 25 set. 2023.

ARAÚJO, F. C.; CALIFE, F. E. **A história não contada da Educação Financeira no Brasil.**, 2014. Disponível em: <https://www.boavistaservicos.com.br/wp-content/uploads/2014/08/A-hist%C3%B3ria-n%C3%A3o-contada-da-educa%C3%A7%C3%A3o-financeira-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

ARRUDA, P. B. **Uma investigação sobre o efeito disposição.** Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. 2006.

ATREYA, A.; FERREIRA, S.; MICHEL-KERJAN, E. What drives households to buy flood insurance? New evidence from Georgia. **Ecological Economics**, V. 117 Pág.153-161. 2015.

B3. **A descoberta da bolsa pelo investidor brasileiro.** Disponível em: [https://www.b3.com.br/data/files/69/75/42/A0/36ECA71068C61CA7AC094EA8/Pesquisa%20PF\\_vf%20dez.20\\_.pdf](https://www.b3.com.br/data/files/69/75/42/A0/36ECA71068C61CA7AC094EA8/Pesquisa%20PF_vf%20dez.20_.pdf). Acesso em: 30 Dez. 2020.

B3. **Investidor pessoa física na bolsa.** Disponível em: [https://www.b3.com.br/pt\\_br/noticias/porcentagem-de-investidores-pessoa-fisica-cresce-na-b3.htm](https://www.b3.com.br/pt_br/noticias/porcentagem-de-investidores-pessoa-fisica-cresce-na-b3.htm). Acesso em: 10 Nov. 2021.

B3. **Perfil pessoa física.** Disponível em: [https://www.b3.com.br/pt\\_br/market-data-e-indices/servicos-de-dados/market-data/consultas/mercado-a-vista/perfil-pessoas-fisicas/perfil-pessoa-fisica/](https://www.b3.com.br/pt_br/market-data-e-indices/servicos-de-dados/market-data/consultas/mercado-a-vista/perfil-pessoas-fisicas/perfil-pessoa-fisica/). Acesso em: 25 set. 2023.

- BARBETTA, P. A.; REIS, M. M.; BORNIA, A. C. **Estatística para Cursos de Engenharia e Informática**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BCB. **Cidadania Financeira**. Disponível em: [https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos\\_cidadania/Cuidando\\_do\\_seu\\_dinheiro\\_Gestao\\_de\\_Financas\\_Pessoais/caderno\\_cidadania\\_financeira.pdf](https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/Cuidando_do_seu_dinheiro_Gestao_de_Financas_Pessoais/caderno_cidadania_financeira.pdf). Acesso em: 10 Nov. 2021.
- BCB. **Relatório de Poupança**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estatisticas/poupanca>. Acesso em: 13 Set. 2023.
- BRASIL. Decreto nº 7397, de 22 de dezembro de 2010. **Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF**. Brasília, 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7397.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7397.htm). Acesso em: 22 nov. 2022.
- BRAUNSTEIN, S.; WELCH, C. Financial Literacy: an Overview of Practice Research, and Policy. **Federal Reserve Bulletin**, nov. 2002.
- BARON, J. **Thinking and deciding**. Cambridge University Press. New York. 1994.
- BRITO, A. D.; AMARAL, M. S. Teoria dos prospectos: a tomada de decisão do investidor imobiliário à luz das finanças comportamentais. **Navus: Revista de Gestão e Tecnologia**, n. 10, p. 52, 2020.
- BRUNI, L. L. **SPSS Guia prático para pesquisadosres**. São Paulo: Atlas, 2012.
- BIDARTE, M. V. D.; DOS SANTOS PINTO, C.; FLORES, S. A. M.. Conservador, Moderado ou Agressivo: Perfil De Risco Dos Estudantes Universitários Na Universidade Federal Do Pampa. **Revista Estratégia e Desenvolvimento**, v. 5, n. 1, 2021.
- CASTRO, C. M. **Estrutura e apresentação de publicações científicas**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.
- CERBASI, G. P. **Casais inteligentes enriquecem juntos**. São Paulo: Gente, 2004.
- CERBASI, G. P. **Investimentos inteligentes - Estratégias para multiplicar seu patrimônio com segurança e eficiência**. São Paulo: Ed. Sextante, 2013.
- CM Capital. . **Perfil do Investidor**. Disponível em: [www.portal.cmcapital.com.br/minha-conta/perfil/questionario?form=%Fminha-conta%2Fregistro](http://www.portal.cmcapital.com.br/minha-conta/perfil/questionario?form=%Fminha-conta%2Fregistro). Acesso em: 10 Jun. 2023.
- COOPER, D.; SCHINDLER, P. **Métodos de pesquisa em administração**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2016.
- COSTA, D. F.; CARVALHO, F. M.; MOREIRA, B. C. M. Behavioral economics and behavioral finance: a bibliometric analysis of the scientific fields. **Journal of Economic Surveys**. Vol. 00, No. 0, pp. 1–22. 2018.

- CVM . **Investidores no mercado de capitais brasileiro**. Brasília, 2021. Disponível em: [https://www.gov.br/cvm/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/estudos/air\\_investidores-no-mercado-de-capitais-brasileiro\\_2021-07-19.pdf](https://www.gov.br/cvm/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/estudos/air_investidores-no-mercado-de-capitais-brasileiro_2021-07-19.pdf). Acesso em: 26 Set. 2023.
- CVM . **Aversão ao risco e seu impacto no investidor**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/investidor/pt-br/penso-logo-invisto/aversao-ao-risco-e-seu-impacto-no-investidor>. Acesso em: 26 Set. 2023.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed/ Bookman, 2007.
- CRESWELL, J. W.; POTH, C. N. **Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches**. Thousand Oaks: Sage publications, 2016
- DALLABONA, L. F.; NASCIMENTO, S.; HEIN, N. Métodos estatísticos mais recorrentes nas dissertações do programa de pós-graduação em Ciências Contábeis da FURB. **Revista de Contabilidade da UFBA**, v. 4, n. 1, p. 56-70, 2010.
- DALLABONA, L. F.; RODRIGUES JR., M. M.; HEIN, N. Métodos estatísticos: Análise dos estudos publicados nos anais de congressos da ANPAD. *In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO*, 14., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2011. p. 1-17.
- DENG, H.; CHI, L.; TENG, N.; TANG, T.; CHEN, C.. Influence of financial literacy of teachers on financial education teaching in elementary schools. **International Journal of e-Education, e-Business, e-Management and e-Learning**, v. 3, n. 1, p. 68-73, February 2013.
- DONADIO, R. **O perfil de risco do investidor e a tomada de decisão: uma abordagem comportamental** . 2018. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.12.2018.tde-15102018-131902. Acesso em: 21 set. 2022.
- FAMA, E.F. Efficient Capital Markets: a review of theory and empirical work. **Journal of Finance, Chicago: American Finance Association**, p.383-417, may 1970.
- FAMA, E. F. **Efficient capital markets: II**. The Journal of Finance. Cambridge, v. 46, n. 5 p. 1575-1618, 1991.
- FARIA, E. R.; ANDRADE, L. P.; GONÇALVES, M. A. **Metodologias e Temas Pesquisados em Finanças: Uma Análise Bibliométrica nos Principais Periódicos do Brasil**. Revista Administração em Diálogo. 2178-0080, p. 172-190. 2015
- FÁVERO, L.; BELFIORE, P. **Manual de análise de dados: estatística e modelagem multivariada com excel, SPSS e stata**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.
- FERNANDES, G. S. et al. Finanças Comportamentais: um estudo comparativo utilizando a teoria dos prospectos com os alunos de graduação e pós-graduação de uma IES. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO*, 29, 2016, Natal. **Anais [...]**. Natal: FASF, 2016.

- FERNANDES, R. S. et al. **Perfil e comportamento de investidores da bolsa de valores no Brasil**. 2020.
- FERREIRA, J. B.; CASTRO, I. M. Educação Financeira: Nível de conhecimentos dos alunos de uma Instituição de Ensino Superior. **Revista de Administração e Negócios da Amazônia**, v. 12, n. 1, p. 134-156, 2020.
- FGV. **Day Trade pessoa física na bolsa**. Disponível em: <https://eesp.fgv.br/noticia/day-trade-e-cassino-muito-mais-sortido-que-tecnica-diz-pesquisador>. Acesso em: 10 Nov. 2021.
- FISCHER, K.; LEHNER, O. M. Behavioral Finance Research in 2020: Cui Bono et Quo Vadis? **ACRN Journal of Finance and Risk Perspectives**, v.10, p. 54-76. 2021.
- FISHER, P. J.; YAO, R. Gender differences in financial risk tolerance. **Journal of Economic Psychology**, v. 61, p. 191-202, 2017.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa-3**. Artmed editora, 2008.
- FLORES, S. A. M.; CAMPARA, J. P.; VIEIRA, K. M.. Propensão ao Endividamento no Município de Santa Maria (RS): Análise da Influência da Educação Financeira e de Variáveis Demográficas. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO (SEMEAD), 15., 2012, São Paulo. **Anais...** . São Paulo: Semead, 2012. p. 1 - 16.
- FONSECA, S. B. **Finanças comportamentais e perfis de investimentos**. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/36650>. Acesso em: 24 nov. 2022.
- FOULKES, S.M.; GRACI, S.P. Guidelines for personal financial planning. **Business**. v. 33. n. 2, p. 32, 1989.
- FOX, J.; BARTHOLOMAE, S.; LEE, J. Building the case for financial education. **The Journal o Consumer Affairs**. Estados Unidos, v.39, n.1, p. 195-214, 2005.
- FRANCESCHINI, C. **Introdução a finanças comportamentais**. In: F. ÁVILA; M. BIANCHI, Guia de Economia Comportamental e Experimental. 1ª ed., São Paulo, Economia Comportamental.org, p. 176-489. 2015.
- FREITAS I. H. **Educação financeira: fatores de influência do conhecimento dos estudantes de administração, ciências contábeis e economia na UFPB**. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16924?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16924?locale=pt_BR). Acesso em: 10 nov. 2021.
- FORBES. **Educação Financeira Cresce no Brasil**. Maio de 2021. Disponível em < <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/05/aposta-em-educacao-financeira-cresce-no-brasil-conheca-15-escolas-que-abracaram-o-tema/>> Acessado em 10/11/2021.
- GIGERENZER, G. Wolfgang.Heuristic Decision Making. **Annual Review of Psychology**. v. 62:451-482, 2011. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev-psych-120709-145346>. Acesso em 20 out. 2021.

GRABLE, J. E. Risk tolerance. In: **Handbook of consumer finance research**. New York, NY: Springer New York, 2008. p. 3-19.

HAIR JR., J. F. *et al.* **Análise multivariada de dados**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HAIR JR., J. F. *et al.* **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HALEK, M.; EISENHAUER, J. G. Demography of risk aversion. **Journal of Risk and Insurance**, p. 1-24, 2001.

HALFELD, M.; TORRES, F. F. L. Finanças Comportamentais: aplicações no contexto brasileiro. **RAE – Revista de Administração de Empresas**. v. 41, n. 2, p. 64-71. Abr./Jun. 2001.

HALLAHAN, T. A.; FAFF, R. W.; MCKENZIE, M. D. An empirical investigation of personal financial risk tolerance. **Financial Services Review-greenwich-**, v. 13, n. 1, p. 57-78, 2004.

HAUGEN, R. A. **Os segredos da bolsa**. São Paulo: Pearson Education, 2000.

HAUBERT, F. L. C.; LIMA, C. R. M.; LIMA, M. V. A. Finanças Comportamentais: uma investigação com base na teoria do prospecto e no perfil do investidor de estudantes de cursos. **Revista de Ciências da Administração**, [S.L.], p. 183-195, 14 abr. 2014.

UFSC. **Finanças Comportamentais: uma investigação com base na teoria do prospecto e no perfil do investidor de estudantes de cursos stricto sensu portugueses**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/2175-8077.2014v16n38p183>. Acesso em: 03 mar. 2023.

HOJI, M. **Administração financeira na pratica: guia para educação financeira corporativa e gestão financeira pessoal**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

HOSSER, C.; CRUZ, A. P. C.; QUINTANA, A. C. Mapeamento dos Métodos Quantitativos Utilizados no Congresso Anpcont (2007-2015). **Revista de Contabilidade da UFBA**, v. 12, n. 3, p. 153-174, 2018.

HOUSEL, M. **A psicologia financeira: lições atemporais sobre fortuna, ganância e felicidade**. Harlequin, 2021.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html/#:~:text=De%20acordo%20com%20dados%20da%20Pesquisa%20Nacional%20por,brancos%2C%2045%2C3%25%20como%20pardos%20e%2010%2C6%25%20como%20pretos>. Acesso em: 21 Set. 2023.

JESUÍNO, J. C. A. **Negociação: Estratégias e Táticas**, Texto Editora, Lisboa. 1992.

KAHNEMAN, D. **Rápido e devagar: duas formas de pensar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KAHNEMAN, D; TVERSKY, A. **Choices, Values, and Frames**. Princeton University Press, 1997.

KLAPPER, L; LUSARDI, A; PANOS, G. A. **Financial Literacy and the Financial Crisis**. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=2038765>. Acesso em: 10 Nov. 2021.

KIMURA, H. Aspectos comportamentais associados às reações do mercado de capitais. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, v. 2, n. 1, P. 2-14. Jun. 2003

LARSON, R.; FARBER, B. **Estatística aplicada**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

LEONE, R. J. G., & GUIMARÃES, T. C. O comportamento financeiro durante e após a crise financeira de 2008 sob a ótica da teoria dos prospectos. **Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ**, v. 17, n. 3, p. 119-140. 2012

LEVINE, D. M.; STEPHAN, D. F.; SZABAT, K. A.. **Estatística: Teoria e aplicações usando Microsoft® Excel em português**, 7ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

LIZOTE, S. A.; LANA, J.; VERDINELLI, M. A.; SIMAS, J. Finanças Pessoais: um estudo envolvendo os alunos de ciências contábeis de uma instituição de ensino superior. **Revista da UNIFEPE**, v. 1, n. 19, p. 71-85, 2019.

LIMA, M. V. Um estudo sobre finanças comportamentais. **RAE-Eletrônica**, v.2 n. 1, jan-jun/2003.

LINTNER, J. The Valuation of Risk Assets and the Selection of Risky Investments in Stock Portfolios and Capital Budgets. **Review of Economics and Statistics**, v. 47, n. 1, pp. 221-45. 1965.

LUCENA, W. G. L., COSTA, A. M. M., & ARAGÃO, F. B. Finanças Comportamentais: Evidências do benefício da aquisição de medicamentos genéricos na população de Caruaru/PE. **InterScience Place**, 1, 139-162. 2013.

LUCENA, W.G.L.; FERNANDES, M.S.A.; SILVA, J.D.G. Behavioral Accounting and Its Cognitive Effects on Decision Making: A sample with operators accounting. **Revista Universo Contábil**, v. 7, n. 3, p. 41-58. 2011.

LUCCI, C. R; ZERRENNER, S. A.; VERRONE, M. A. G.; SANTOS, S. C. **A Influência da Educação Financeira nas Decisões de Consumo e Investimento dos Indivíduos**.

Disponível em:

[http://sistema.semead.com.br/9semead/resultado\\_semead/trabalhosPDF/266.pdf](http://sistema.semead.com.br/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/266.pdf) . Acesso em: 10 nov. 2021.

LUSARDI, A; MITCHELL, O. S. **Financial Literacy Around The World: An Overview, 2011**. Disponível em: <http://www.nber.org/papers/w17107>. Acesso em 23 Jul. 2022.

LUSARDI, A; MITCHELL, O. S. **Financial Literacy and Retirement Preparedness: Evidence and Implications for Financial Education Programs**, 2006. Disponível em:

<http://www.mrrc.isr.umich.edu/publications/papers/pdf/wp144.pdf>. Acessado em: 23 Jul. 2022

MACEDO, M.A.; DANTAS, M.; OLIVEIRA, R.F.S. Análise do comportamento decisório de profissionais de Contabilidade sob a perspectiva da racionalidade limitada: um estudo sobre os impactos da teoria dos prospectos e das heurísticas de julgamento. **Revista Ambiente Contábil**, v. 4, n. 1, p.1-16. 2012.

MACEDO, J. S. **Teoria do prospecto: uma investigação utilizando simulação de investimentos**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Curso de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

MACEDO JR., Jurandir Sell. **A árvore do dinheiro: guia para cultivar a sua independência financeira**. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para Ciências Sociais Aplicadas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MEC. **Base nacional curricular**. Brasília, 2021. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf/](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf/). Acesso em: 10 Nov. 2021.

MEC. **Educação Financeira**. Brasília, 2021. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35987-educacao-financeira>. Acesso em: 10 Nov. 2021.

MILANEZ, D. Y. **Finanças comportamentais no Brasil. 2003**. 92 f. Dissertação (Mestrado em Economia das Instituições e do Desenvolvimento) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MODIGLIANI, F. Life cycle, individual thrift, and the wealth of nations. **Science** 234.4777 (1986): 704-712.

MOSSIN, J. Equilibrium in a Capital Asset Market. **Econometrica**, v. 34, n. 4. p. 768-783. Oct., 1966.

NEGRI, A. L. L. **Educação para o Ensino Médio da Rede Pública: uma proposta inovadora. Dissertação (Mestrado em Educação)**. Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL, 2010. Disponível em: [https://unisal.br/wp-content/uploads/2013/04/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Ana-Lucia-Lemes-Negri.pdf](https://unisal.br/wp-content/uploads/2013/04/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Ana-Lucia-Lemes-Negri.pdf). Acesso em: 2 out. 2021.

MASSARO, A. **Ciclo de vida Franco Modigliani**. Disponível em: <https://www.andremassaro.com.br/ciclo-de-vida-franco-modigliani/>. Acesso em: 13 Set. 2023.

NUNES, P. E. O. **Estudo sobre o perfil investidor dos estudantes do curso de Ciências Contábeis da Universidade de Caxias do Sul**. 2018. Repositório Institucional da Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/4338>. Acesso em: 13 Set. 2023.

OCDC. **Educação Financeira**. Brasília, 2021. Disponível em: [https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/\[PT\]%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20Princ%C3%ADpios%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%202005%20.pdf](https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/[PT]%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20Princ%C3%ADpios%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%202005%20.pdf). Acesso em: 10 Nov. 2021.

PLANEJAR. **Carreira de planejador financeiro**. Disponível em: <https://planejar.org.br/artigo/a-carreira-de-planejador-financeiro-no-brasil-desafios-e-oportunidades/>. Acessado em: 10 Nov. 2021.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; SILVA, W. M. Development of a financial literacy model for university students. **Management Research Review**, v. 39, n. 3, p.1-30, 2016.

PUNHAGUI, B. C.; VIEIRA, S. F. A.; FAVORETO, R. Educação financeira e decisões de consumo: uma pesquisa com servidores públicos do Instituto Agrônômico do Paraná. **Revista de Estudos Contábeis**, Londrina, v. 7, n. 12, p. 97-116, jan/jun. 2016.

RICCIARDI, V.; SIMON, H. K. What is behavioral finance? **The Business, Education and Technology Journal**, v. 2, n. 2, p. 26-34. 2000.

SAMPIERI, R.; COLLADO, C.; LÚCIO, M. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, A. F.; SOARES, S. V.; MARTINS, C. Panorama do uso de métodos quantitativos em pesquisas sobre educação financeira. In: SIMPÓSIO DE CONTABILIDADE E FINANÇAS DE DOURADOS, 11., 2021, Online. **Anais...** Dourados: UFGD, 2021.

SAUNDERS, M.; LEWIS, P.; THORNHILL, A. **Research methods for business students**. Harlow, England: Pearson Education, ed. 7, 2016.

SALEH, A. M.; SALEH, P. B. O. O elemento financeiro e a educação para o consumo responsável. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 29, n. 4, p.189-214, 2013.

SERASA EXPERIAN. **Inadimplência do consumidor**. Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.serasaexperian.com.br/sala-de-imprensa/noticias/inadimplencia-no-brasil-cai-pela-primeira-vez-em-quatro-anos-e-encerra-2020-com-614-milhoes-de-pessoas-revela-serasa-experian>. Acesso em: 2 out. 2021.

SEWELL, M. **Behavioural Finance**. University College London. 2007

SHANMUGANATHAN, M. **Behavioural finance in an era of artificial intelligence: Longitudinal case study of robo-advisors in investment decisions**. *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, 2214-6350, v.27. 2020.

SHARPE, W. F. **Capital Asset Prices: A Theory of Market Equilibrium under Conditions of Risk**. *Journal of Finance*, v. 19, n. 3, p. 425–442. 1964.

SILVA, S. R.; VASCONCELOS, G.; SANTOS, J. P. B., CARVALHO, R. G. Educação Financeira Pessoal: Como a falta de instrução sobre finanças pessoais interfere no comportamento financeiro dos graduandos em Administração e Economia. *In: ENCONTRO DA ANPAD*, 44., 2020, Evento Online. **Anais [...]**. Versão online: ENANPAD, 2020.

SILVEIRA, A. et al. Roteiro básico para apresentação e editoração de teses, dissertações e monografias. **Blumenau: Edifurb**, 2004.

SLIMANI, B. **Guia financeiro para profissionais liberais e autônomos**. Cia do Ebook, 2015.

SLOVIC, P. **Psychological study of human judgment: implications for investment decision making**. *The Journal of Finance* 27(4): 779–799. 1972.

TESOURO NACIONAL. **Descubra seu perfil**. Disponível em: <<https://www.tesouro.fazenda.gov.br/descubra-seu-perfil>>. Acesso em: 22 de jun. de 2022.

TIMOTIO, J. G. M.; BARBOSA, F. V. **A produção científica brasileira no campo de finanças**. *Revista de Administração de Empresas (RAE)*, v. 22, n. 57, p. 39-53, 2020.

TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. **Judgment under Uncertainty: Heuristics and Biases**. *Science*, Set/1974.

TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. **Prospect theory: an analysis of decision under risk**. *Econometrica*, New York, v. 4, n. 2, p. 263-291, 1979.

UOL. **Mercado Cripto: Moedas Digitais**. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/mais/ultimas-noticias/2023/09/29/criptomoedas-bitcoin-mais-populares-brasileiros-cuidados.htm>>. Acesso em: 29 de set. de 2023.

VIEIRA, S.F.A.; BATAGLIA, R.T.M.; SEREIA, V.J.. Educação Financeira e Decisões de Consumo, Investimento e Poupança: Uma Análise dos Alunos de Uma Universidade Pública do Norte do Paraná. **Revista de Administração da Unimep**, [s.l.], v. 9, n. 3, p.61-86, 30 dez. 2011. Instituto Educacional Piracicabano da Igreja Metodista.

WORTHINGTON, A. C.. Predicting financial literacy in Australia. **Financial Services Review**, v. 15, p.59-79, jan. 2009.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa: do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

## **APÊNDICE A – PESQUISA SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E FINANÇAS PESSOAIS DOS UNIVERSITÁRIOS E BACHARÉIS DA ÁREA DE NEGÓCIOS**

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você está recebendo um questionário que faz parte do trabalho de pesquisa intitulado: “Educação Financeira e Finanças Pessoais dos Universitários e Bacharéis da Área de Negócios”. O objetivo dessa pesquisa é analisar qual o nível de conhecimento dos universitários e bacharéis da área de negócios sobre Educação Financeira e Finanças Pessoais. Os resultados dessa pesquisa servirão de base para a dissertação de mestrado em administração do pesquisador, além de fornecer subsídios para futuras pesquisas sobre este tema. Nesse sentido, gostaríamos de contar com sua colaboração, destacando que de forma alguma serão divulgadas informações pessoais dos respondentes e que as informações individuais serão resguardadas. As informações serão todas trabalhadas de forma agregada. É essencial que todas as informações aqui solicitadas sejam respondidas com sinceridade. Você levará em torno de 10 minutos para responder ao questionário e poderá, caso não se sinta à vontade, abandonar a pesquisa a qualquer momento.

**Para mostrar sua concordância em participar da pesquisa voluntariamente, basta assinalar com um X entre os parênteses abaixo:**

- ( ) Sim, eu concordo em participar voluntariamente da pesquisa.  
 ( ) Não, eu não concordo em participar da pesquisa

André Fabiano dos Santos (mestrando em Administração)  
 Sandro Vieira Soares (Prof. Orientador/Doutor em Controladoria e Contabilidade-USP)

#### **1 - Qual Curso está cursando**

- |                                    |                           |
|------------------------------------|---------------------------|
| ( ) Administração de Empresas      | ( ) Gestão Financeira     |
| ( ) Ciências Contábeis             | ( ) Gestão Pública        |
| ( ) Ciências Econômicas            | ( ) Logística             |
| ( ) Comércio Exterior              | ( ) Marketing             |
| ( ) Relações Internacionais        | ( ) Marketing Digital     |
| ( ) Gestão Comercial               | ( ) Negócios Imobiliários |
| ( ) Gestão da Inov. e Emp. Digital | ( ) Processos Gerenciais  |
| ( ) Gestão da Qualidade            | ( ) Social Midea          |

#### **2 – Sexo**

- ( ) Masculino  
 ( ) Feminino  
 ( ) Prefiro não responder

#### **3 - Idade (Considerar anos completos)**

---

#### **4 - Qual o seu maior nível de escolaridade? (Considerar apenas cursos concluídos)**

- ( ) Ensino Médio  
 ( ) Ensino Superior (Tecnólogo / Bacharelado / Licenciatura)

- Especialização/MBA
- Mestrado
- Doutorado

**5 - Você já concluiu alguma graduação?**

- Não
- Sim – Qual? \_\_\_\_\_

**6 – Estado Civil**

- Solteiro
- Casado
- Divorciado
- Separado
- Viúvo
- União Estável

**7 – Sua Cor ou Raça**

- Branca
- Preta
- Amarela
- Parda
- Indígena
- Prefiro não responder

**8 – Você tem dependentes financeiramente (por exemplo: Cônjuge, Filhos, Pais, Avós, outros familiares ou conhecidos)?**

- Não
- Sim – Quantos? \_\_\_\_\_

**9 – Você exerce atividade remunerada?**

- Não
- Sim – A quando tempo (em anos completos) \_\_\_\_\_

**10 - Em sua formação educacional você estudou:**

- Sempre em instituição pública
- Predominantemente em instituição pública
- Metade em instituição pública e metade em instituição privada
- Predominantemente em instituição privada
- Sempre em instituição privada
- Prefiro não responder

**11 – Qual a sua faixa de renda pessoal**

- Até R\$ 1.320,00 (até 1 salário mínimo)
- De R\$ 1.320,01 a R\$ 2.640,00 (de 1 a 2 salários mínimos)
- De R\$ 2.640,01 a R\$ 3.960,00 (de 2 a 3 salários mínimos)
- De R\$ 3.960,01 a R\$ 5.280,00 (de 3 a 4 salários mínimos)
- De R\$ 5.280,01 a R\$ 6.600,00 (de 4 a 5 salários mínimos)
- De R\$ 6.600,01 a R\$ 7.920,00 (de 5 a 6 salários mínimos)
- Acima de R\$ 7.920,01(acima de 6 salários mínimos)
- Prefiro não responder

**12 - Qual a sua faixa de renda familiar (considerando todos os que residem na mesma residência)**

- Até R\$ 3.960,00 (até 3 salários mínimos)
- De R\$ 3.960,01 a R\$ 7.920,00 (de 3 a 6 salários mínimos)
- De R\$ 7.920,01 a R\$ 11.880,00 (de 6 a 9 salários mínimos)
- De R\$ 11.880,01 a R\$17.160,00 (de 9 a 12 salários mínimos)
- De R\$17.160,01 a R\$ 19.800,00 (de 12 a 15 salários mínimos)
- De R\$ 19.800,01 a R\$ 23.760,00 (de 15 a 18 salários mínimos)
- Acima de R\$ 23.760,01(acima de 18 salários mínimos)
- Prefiro não responder

**13 - Quais dessas opções de investimento você CONHECE**

- Poupança
- Título de Capitalização
- Títulos Públicos (Tesouro direto)
- FIRF - Fundo de Investimento em Renda Fixa
- FII - Fundo de Investimento Imobiliário
- FIA - Fundo de Investimento em Ações
- FIM - Fundo de Investimento Multimercado
- Previdência Privada
- Ouro
- Dólar
- CDB - Certificado de Depósito Bancário
- CRA - Certificado de Crédito Agronegócio
- CRI - Certificado de Crédito Imobiliário
- LCA - Letra de Crédito Agronegócio
- LCI - Letra de Crédito Imobiliário
- COE - Certificado de Operações estruturadas
- Ações
- Debêntures
- Derivativos
- Cripto Moedas
- ADRs - *American Depositary Receipt*
- ETFs - *Exchange Traded Funds*

**14 – Como você classificaria sua experiência em investimentos?**

- Nula: Não tenho nenhum conhecimento em nenhum tipo de investimento.
- Limitada: Tenho pouca experiência em investimentos.
- Moderada: Tenho alguma experiência em investimentos.
- Extensa: Sou um investidor ativo e experiente.

**15 - Quais dessas opções de investimento você já INVESTIU**

- Poupança
- Título de Capitalização
- Títulos Públicos (Tesouro direto)
- FIRF - Fundo de Investimento em Renda Fixa
- FII - Fundo de Investimento Imobiliário
- FIA - Fundo de Investimento em Ações
- FIM - Fundo de Investimento Multimercado
- Previdência Privada

- Ouro
- Dólar
- CDB - Certificado de Depósito Bancário
- CRA - Certificado de Crédito Agronegócio
- CRI - Certificado de Crédito Imobiliário
- LCA - Letra de Crédito Agronegócio
- LCI - Letra de Crédito Imobiliário
- COE - Certificado de Operações estruturadas
- Ações
- Debêntures
- Derivativos
- Cripto Moedas
- ADRs - *American Depositary Receipt*
- ETFs - *Exchange Traded Funds*

**16 - Quais dessas opções de investimento você já INVESTIU RECENTEMENTE (últimos 12 meses)**

- Poupança
- Título de Capitalização
- Títulos Públicos (Tesouro direto)
- FIRF - Fundo de Investimento em Renda Fixa
- FII - Fundo de Investimento Imobiliário
- FIA - Fundo de Investimento em Ações
- FIM - Fundo de Investimento Multimercado
- Previdência Privada
- Ouro
- Dólar
- CDB - Certificado de Depósito Bancário
- CRA - Certificado de Crédito Agronegócio
- CRI - Certificado de Crédito Imobiliário
- LCA - Letra de Crédito Agronegócio
- LCI - Letra de Crédito Imobiliário
- COE - Certificado de Operações estruturadas
- Ações
- Debêntures
- Derivativos
- Cripto Moedas
- ADRs - *American Depositary Receipt*
- ETFs - *Exchange Traded Funds*
- Não se aplica

**17 - Quais dessas opções de investimento você JÁ INVESTIU E NÃO INVESTIRIA NOVAMENTE**

- Poupança
- Título de Capitalização
- Títulos Públicos (Tesouro direto)
- FIRF - Fundo de Investimento em Renda Fixa
- FII - Fundo de Investimento Imobiliário
- FIA - Fundo de Investimento em Ações

- FIM - Fundo de Investimento Multimercado
- Previdência Privada
- Ouro
- Dólar
- CDB - Certificado de Depósito Bancário
- CRA - Certificado de Crédito Agronegócio
- CRI - Certificado de Crédito Imobiliário
- LCA - Letra de Crédito Agronegócio
- LCI - Letra de Crédito Imobiliário
- COE - Certificado de Operações estruturadas
- Ações
- Debêntures
- Derivativos
- Cripto Moedas
- ADRs - *American Depositary Receipt*
- ETFs - *Exchange Traded Funds*
- Não se aplica

**18 – Qual é a sua propensão em relação aos riscos de seus investimentos?**

- Não pretendo assumir riscos.
- Aceito correr riscos baixos.
- Aceito correr riscos moderados.
- Aceito correr riscos altos.

**19 – Considerando a sua necessidade futura, qual seu horizonte de investimentos, ou seja, em quanto tempo você pretende resgatar seus investimentos?**

- Ainda em 2023.
- Em 2024.
- Em 2025.
- Em 2026 ou depois.

**20 – Qual a principal finalidade das suas aplicações?**

- Consumo.
- Proteção do capital contra a inflação.
- Aposentadoria.
- Crescimento do patrimônio.
- Outra. Qual? \_\_\_\_\_

**21 - Com que frequência você investe / adquire produtos financeiros (assinale apenas uma alternativa):**

- Diariamente
- Semanalmente
- Mensalmente
- Semestralmente
- Anualmente
- Menos que anualmente

**22 – Como você aprendeu a investir?**

---

---

---

**23 - Quais as dificuldades você enfrentou para aprender sobre investimentos?**

---

---

---

## **APÊNDICE B – PESQUISA SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E FINANÇAS PESSOAIS DOS UNIVERSITÁRIOS E BACHARÉIS DA ÁREA DE NEGÓCIOS**

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você está recebendo um questionário que faz parte do trabalho de pesquisa intitulado: “Educação Financeira e Finanças Pessoais dos Universitários e Bacharéis da Área de Negócios”. O objetivo dessa pesquisa é analisar qual o nível de conhecimento dos universitários e bacharéis da área de negócios sobre Educação Financeira e Finanças Pessoais. Os resultados dessa pesquisa servirão de base para a dissertação de mestrado em administração do pesquisador, além de fornecer subsídios para futuras pesquisas sobre este tema. Nesse sentido, gostaríamos de contar com sua colaboração, destacando que de forma alguma serão divulgadas informações pessoais dos respondentes e que as informações individuais serão resguardadas. As informações serão todas trabalhadas de forma agregada. É essencial que todas as informações aqui solicitadas sejam respondidas com sinceridade. Você levará em torno de 10 minutos para responder ao questionário e poderá, caso não se sinta à vontade, abandonar a pesquisa a qualquer momento.

**Para mostrar sua concordância em participar da pesquisa voluntariamente, basta assinalar com um X entre os parênteses abaixo:**

- ( ) Sim, eu concordo em participar voluntariamente da pesquisa.  
 ( ) Não, eu não concordo em participar da pesquisa

André Fabiano dos Santos (mestrando em Administração)  
 Sandro Vieira Soares (Prof. Orientador/Doutor em Controladoria e Contabilidade-USP)

#### **1 – Qual sua formação?**

- ( ) Administração de Empresas  
 ( ) Ciências Econômicas  
 ( ) Ciências Contábeis

#### **2 – Sexo**

- ( ) Masculino  
 ( ) Feminino  
 ( ) Prefiro não responder

#### **3 - Idade (Considerar anos completos)**

\_\_\_\_\_

#### **4 - Qual o seu maior nível de escolaridade? (Considerar apenas cursos concluídos)**

- ( ) Ensino Superior (Tecnólogo / Bacharelado / Licenciatura)  
 ( ) Especialização/MBA  
 ( ) Mestrado  
 ( ) Doutorado

#### **5 - Você concluiu mais de uma graduação?**

- ( ) Não  
 ( ) Sim – Qual? \_\_\_\_\_

**6 – Estado Civil**

- Solteiro
- Casado
- Divorciado
- Separado
- Viúvo
- União Estável

**7 – Sua Cor ou Raça**

- Branca
- Preta
- Amarela
- Parda
- Indígena
- Prefiro não responder

**8 – Você tem dependentes financeiramente (por exemplo: Cônjuge, Filhos, Pais, Avós, outros familiares ou conhecidos)?**

- Não
- Sim – Quantos? \_\_\_\_\_

**9 – Há quanto tempo exerce atividade remunerada (em anos completos)**

---

**10 - Em sua formação educacional você estudou:**

- Sempre em instituição pública
- Predominantemente em instituição pública
- Metade em instituição pública e metade em instituição privada
- Predominantemente em instituição privada
- Sempre em instituição privada
- Prefiro não responder

**11 – Qual a sua faixa de renda pessoal**

- Até R\$ 3.960,00 (até 3 salários mínimos)
- De R\$ 3.960,01 a R\$ 7.920,00 (de 3 a 6 salários mínimos)
- De R\$ 7.920,01 a R\$ 11.880,00 (de 6 a 9 salários mínimos)
- De R\$ 11.880,01 a R\$17.160,00 (de 9 a 12 salários mínimos)
- De R\$17.160,01 a R\$ 19.800,00 (de 12 a 15 salários mínimos)
- De R\$ 19.800,01 a R\$ 23.760,00 (de 15 a 18 salários mínimos)
- Acima de R\$ 23.760,01(acima de 18 salários mínimos)
- Prefiro não responder

**12 - Qual a sua faixa de renda familiar (considerando todos os que residem na mesma residência)**

- Até R\$ 3.960,00 (até 3 salários mínimos)
- De R\$ 3.960,01 a R\$ 7.920,00 (de 3 a 6 salários mínimos)
- De R\$ 7.920,01 a R\$ 11.880,00 (de 6 a 9 salários mínimos)
- De R\$ 11.880,01 a R\$17.160,00 (de 9 a 12 salários mínimos)
- De R\$17.160,01 a R\$ 19.800,00 (de 12 a 15 salários mínimos)
- De R\$ 19.800,01 a R\$ 23.760,00 (de 15 a 18 salários mínimos)

- Acima de R\$ 23.760,01(acima de 18 salários mínimos)
- Prefiro não responder

**13 - Quais dessas opções de investimento você CONHECE**

- Poupança
- Título de Capitalização
- Títulos Públicos (Tesouro direto)
- FIRF - Fundo de Investimento em Renda Fixa
- FII - Fundo de Investimento Imobiliário
- FIA - Fundo de Investimento em Ações
- FIM - Fundo de Investimento Multimercado
- Previdência Privada
- Ouro
- Dólar
- CDB - Certificado de Depósito Bancário
- CRA - Certificado de Crédito Agronegócio
- CRI - Certificado de Crédito Imobiliário
- LCA - Letra de Crédito Agronegócio
- LCI - Letra de Crédito Imobiliário
- COE - Certificado de Operações estruturadas
- Ações
- Debêntures
- Derivativos
- Cripto Moedas
- ADRs - *American Depositary Receipt*
- ETFs - *Exchange Traded Funds*

**14 – Como você classificaria sua experiência em investimentos?**

- Nula: Não tenho nenhum conhecimento em nenhum tipo de investimento.
- Limitada: Tenho pouca experiência em investimentos.
- Moderada: Tenho alguma experiência em investimentos.
- Extensa: Sou um investidor ativo e experiente.

**15 - Quais dessas opções de investimento você já INVESTIU**

- Poupança
- Título de Capitalização
- Títulos Públicos (Tesouro direto)
- FIRF - Fundo de Investimento em Renda Fixa
- FII - Fundo de Investimento Imobiliário
- FIA - Fundo de Investimento em Ações
- FIM - Fundo de Investimento Multimercado
- Previdência Privada
- Ouro
- Dólar
- CDB - Certificado de Depósito Bancário
- CRA - Certificado de Crédito Agronegócio
- CRI - Certificado de Crédito Imobiliário
- LCA - Letra de Crédito Agronegócio
- LCI - Letra de Crédito Imobiliário
- COE - Certificado de Operações estruturadas

- Ações
- Debêntures
- Derivativos
- Cripto Moedas
- ADRs - *American Depositary Receipt*
- ETFs - *Exchange Traded Funds*

**16 - Quais dessas opções de investimento você já INVESTIU RECENTEMENTE (últimos 12 meses)**

- Poupança
- Título de Capitalização
- Títulos Públicos (Tesouro direto)
- FIRF - Fundo de Investimento em Renda Fixa
- FII - Fundo de Investimento Imobiliário
- FIA - Fundo de Investimento em Ações
- FIM - Fundo de Investimento Multimercado
- Previdência Privada
- Ouro
- Dólar
- CDB - Certificado de Depósito Bancário
- CRA - Certificado de Crédito Agronegócio
- CRI - Certificado de Crédito Imobiliário
- LCA - Letra de Crédito Agronegócio
- LCI - Letra de Crédito Imobiliário
- COE - Certificado de Operações estruturadas
- Ações
- Debêntures
- Derivativos
- Cripto Moedas
- ADRs - *American Depositary Receipt*
- ETFs - *Exchange Traded Funds*
- Não se aplica

**17 - Quais dessas opções de investimento você JÁ INVESTIU E NÃO INVESTIRIA NOVAMENTE**

- Poupança
- Título de Capitalização
- Títulos Públicos (Tesouro direto)
- FIRF - Fundo de Investimento em Renda Fixa
- FII - Fundo de Investimento Imobiliário
- FIA - Fundo de Investimento em Ações
- FIM - Fundo de Investimento Multimercado
- Previdência Privada
- Ouro
- Dólar
- CDB - Certificado de Depósito Bancário
- CRA - Certificado de Crédito Agronegócio
- CRI - Certificado de Crédito Imobiliário
- LCA - Letra de Crédito Agronegócio
- LCI - Letra de Crédito Imobiliário

- COE - Certificado de Operações estruturadas
- Ações
- Debêntures
- Derivativos
- Cripto Moedas
- ADRs - *American Depositary Receipt*
- ETFs - *Exchange Traded Funds*
- Não se aplica

**18 – Qual é a sua propensão em relação aos riscos de seus investimentos?**

- Não pretendo assumir riscos.
- Aceito correr riscos baixos.
- Aceito correr riscos moderados.
- Aceito correr riscos altos.

**19 – Considerando a sua necessidade futura, qual seu horizonte de investimentos, ou seja, em quanto tempo você pretende resgatar seus investimentos?**

- Ainda em 2023.
- Em 2024.
- Em 2025.
- Em 2026 ou depois.

**20 – Qual a principal finalidade das suas aplicações?**

- Consumo.
- Proteção do capital contra a inflação.
- Aposentadoria.
- Crescimento do patrimônio.
- Outra. Qual? \_\_\_\_\_

**21 - Com que frequência você investe / adquire produtos financeiros (assinale apenas uma alternativa):**

- Diariamente
- Semanalmente
- Mensalmente
- Semestralmente
- Anualmente
- Menos que anualmente

**22 – Como você aprendeu a investir?**

---

---

---

**23 - Quais as dificuldades você enfrentou para aprender sobre investimentos?**

---

---

---